

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ADRIANA SABBADO XAVIER

REPRESENTAÇÕES DO 27 DE JANEIRO DE 1865

**JAGUARÃO
2024**

ADRIANA SABBADO XAVIER

REPRESENTAÇÕES DO 27 DE JANEIRO DE 1865

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

**JAGUARÃO
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

X3r Xavier, Adriana Sabbado
 Representações do 27 de janeiro de 1865 / Adriana Sabbado
 Xavier.
 47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, DOUTORADO EM CIÊNCIA ANIMAL, 2024.
"Orientação: Carlos Garcia Rizzon".

1. 27 de janeiro de 1865. 2. Jaguarão. 3. História. 4.
Literatura. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ADRIANA SABBADO XAVIER

REPRESENTAÇÕES DO 27 DE JANEIRO DE 1865

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25/07/2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo
UNIPAMPA

Prof. Ms. Fabián Eduardo Carbajal Debenedetti
IFSul



Assinado eletronicamente por **CARLOS GARCIA RIZZON, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/07/2024, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUIS FERNANDO DA ROSA MAROZO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/07/2024, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **FABIAN EDUARDO DEBENEDETTI CARBAJAL, Usuário Externo**, em 29/07/2024, às 20:59, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1468943** e o código CRC **C47A7EBE**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: [\(53\) 3261-4269](tel:(53)3261-4269), [\(53\) 3240-5450](tel:(53)3240-5450)

RESUMO

O dia 27 de janeiro de 1865 marcou um fato histórico na cidade de Jaguarão que atualmente, apesar de constantemente lembrado, é pouco conhecido. Comemorado a cada ano para festejar o epíteto de “cidade heroica”, muitas pessoas não sabem que, naquela data, houve um ataque à cidade organizado pelo partido Blanco, do Uruguai, país que estava em guerra civil. Jornais brasileiros que noticiaram o acontecimento na época registram a bravura da população jaguarense, que conseguiu resistir a uma invasão. Por outro lado, versões uruguaias interpretam o mesmo fato como uma vitória, pois teriam obtido êxito nos seus objetivos. Por sua importância histórica, o 27 de janeiro tem servido como tema literário a textos que trabalham com diferentes enfoques, como é o caso do poema *Gente guapa*, de autoria de Santos, o tropeiro, que, através de uma estrutura do gênero épico, ressalta bravuras e coragens na construção de heroicidades; da obra teatral *27 de janeiro* ou *Os blancos em Jaguarão*, de Francisco Lobo da Costa, um drama satírico que faz uma crítica social, além de destacar o valor feminino; e do conto “Don Sejanés”, de Aldyr Garcia Schlee, narrativa que amplia o contexto histórico para desconstruir figuras heroicas. A relação da história com a literatura e a reflexão crítica sobre construções de heroicidades são caminhos para uma melhor compreensão, assimilação e significação da data que é tão enaltecida na cidade de Jaguarão. Dessa forma, os estudos escolares desse tema poderão alcançar maior produtividade quando trabalhados em um amplo contexto regional e fronteiriço, apoiados pelas representações literárias e, também, associando os enfrentamentos ocorridos em Jaguarão aos que aconteceram em Paysandú, no Uruguai, outra “cidade heroica”.

Palavras-chave: 27 de janeiro de 1865. Jaguarão. Literatura. História.

RESUMEN

El día 27 de enero de 1865 marcó un hecho histórico en la ciudad de Yaguarón que, actualmente, a pesar de constantemente recordado, es poco conocido. Celebrado a cada año para festejar el epíteto de “ciudad heroica”, muchas personas no saben que, en aquella fecha, hubo un ataque a la ciudad organizado por el partido Blanco, de Uruguay, país que estaba en guerra civil. Periódicos brasileños que noticiaron el acontecimiento en la época registran la bravura de la población yaguareense, que logró resistir a una invasión. Por otro lado, versiones uruguayas interpretan el mismo hecho como una victoria, pues habrían obtenido éxito en sus objetivos. Por su importancia histórica, el 27 de enero ha servido como tema literario a textos que trabajan con diferentes enfoques, como es el caso del poema *Gente guapa*, de autoría de Santos, o tropeiro, que, a través de una estructura del género épico, destaca bravuras y corajes en la construcción de heroicidades; de la obra teatral *27 de janeiro* u *Os brancos em Jaguarão*, de Francisco Lobo da Costa, un drama satírico que hace una crítica social, además de destacar el valor femenino; y del cuento “Don Sejanos”, de Aldyr Garcia Schlee, narrativa que amplía el contexto histórico para deconstruir figuras heroicas. La relación de la historia con la literatura y la reflexión crítica sobre construcciones de heroicidades son caminos para una mejor comprensión, asimilación y significación de la fecha que es tan enaltecida en la ciudad de Yaguarón. De esa forma, los estudios escolares de ese tema podrán llegar a una productividad mayor cuando trabajados en un amplio contexto regional y fronterizo, apoyados por las representaciones literarias y, también, asociando los enfrentamientos ocurridos en Yaguarón a los que acontecieron en Paysandú, en Uruguay, otra “ciudad heroica”.

Palabras clave: 27 de enero de 1865. Yaguarón. Literatura. Historia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CADA LADO TEM SUA HISTÓRIA	12
1.1 Campanha do Uruguai	13
1.2 Ataque a Paysandú	15
1.3 27 de janeiro na história	15
1.3.1 Versão brasileira	16
1.3.2 Versão uruguaia	21
2. LITERATURA E HISTÓRIA EM DESVIOS E ACERCAMENTOS	23
2.1 Literatura e História	23
2.2 Heroicidades	24
3. O 27 DE JANEIRO LITERÁRIO	27
3.1 <i>Gente guapa</i> : poema épico dos heroicos jaguarenses	27
3.2 <i>27 de janeiro</i> ou <i>Os blancos em Jaguarão</i> : drama que satiriza os heroicos jaguarenses	33
3.3 “Don Sejanos”: conto que desconstrói os heroicos jaguarenses	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

A rua principal de Jaguarão, que se chamava rua das Praças, em 1865 passou a ser denominada pela data de um importante fato para a história da cidade. Atravessando todo o centro urbano do município, essa rua tem em um dos seus extremos o rio Jaguarão, que estabelece o limite territorial brasileiro; a outra ponta leva a caminhos das zonas rurais, que seguirão a outros municípios. Essa rua é frequentada por todos os habitantes de Jaguarão e também pelos seus visitantes, uma vez que, além de ser o endereço de muitas residências, nela se encontram a Prefeitura Municipal, o Teatro Esperança, o ginásio de esportes Dario Almeida Neves, a tradicional Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva, muitas lojas de comércio, farmácias, algumas padarias e alguns restaurantes, as principais praças – Comendador Azevedo, Dr. Alcides Marques e do Desembarque –, que são locais de diversão e encontros familiares.

Se 27 de janeiro é o nome de uma via tão prestigiada, é de se supor que essa data também seja muito significativa. Seria de se esperar, portanto, que a população da cidade conhecesse a história dos acontecimentos transcorridos no dia 27 de janeiro de 1865.

Porém não é isso o que se constata. Ao contrário, pois, na maioria das vezes, as pessoas sequer identificam o ano. Conversando com amigos, colegas, familiares, vizinhos e outros conhecidos, é possível dizer que muitos não sabem nada a respeito da denominação 27 de janeiro; outros possuem algumas informações mais precisas e tantas outras completamente distorcidas. O mais emblemático, porém, é que muitos relatos chegam a ser extremamente fantasiosos.

Entre as pessoas que, em uma enquete que realizei, prestaram depoimentos sobre seus conhecimentos, há os que confundem o 27 de janeiro com a emancipação do município, o que comemoraria, então, o dia em que Jaguarão foi elevada a cidade e, por isso, seria a data do seu aniversário¹. Há quem diga que seja “o dia da cidade”, sem explicar, no entanto, o motivo para tal reconhecimento.

Nos relatos, praticamente ninguém faz associação entre a data e o título ostentado por Jaguarão, que é o de “cidade heroica”. Sobre o motivo dessa dignificação, alguns dizem que não lembram, que ouviram no colégio, mas esqueceram e que preferem não dar sua opinião sobre o porquê desse título; outros, mais animados, falam que essa homenagem marca “a defesa do povo brasileiro”, sem definir, no entanto, a causa e o contexto em que se deu o combate. Há

¹ Na realidade, Jaguarão possui diferentes datas comemorativas ao seu surgimento: a primeira delas se refere à ocupação do território colonial português, quando, em 1802, às margens do rio Jaguarão, um acampamento militar instalou a Guarda do Serrito; a segunda data histórica faz menção ao dia em que Jaguarão foi elevada à vila, em 6 de julho de 1832; finalmente, a sua fundação como cidade deu-se no dia 23 de novembro de 1855.

quem esclareça que os uruguaiois queriam invadir o Brasil para expandir o seu território, mas os jaguarenses resistiram e teriam corrido com eles “a pelegaços” ou “a pelegaços e facão”. Cabe ressaltar que, nesse tipo de declaração, não se especifica que quem atacou Jaguarão não foram “os uruguaiois” como um todo, mas sim um destacamento das tropas do partido Blanco, que estava em guerra civil com os seus adversários políticos, o partido Colorado.

Algo similar a esse discurso da população já foi relatado pelo jornalista Carlos Rafael Guimaraens, que, em viagem por Jaguarão no ano de 1964, justamente para participar dos festejos do dia 27 de janeiro, ouviu a seguinte história, inclusive ressaltando a participação das mulheres no confronto:

Conta a tradição que, enquanto Jaguarão se barricava para se defender, socorrida por centenas de gaúchos vagos da campanha, que a família Vergara trouxera em armas, as senhoras dos sobrados ferviam panelões de água com a simpática ideia de despejá-los em cima dos invasores, se chegassem à rua principal. A coisa não chegou a este extremo, e os blancos foram repelidos antes que elas os escaldassem. (GUIMARAENS *in* SOARES; FRANCO, 2010, p. 137).

Nas falas coletadas, chegou-se a ouvir que a designação de “heroica” teria a ver com a Guerra do Paraguai em 1856 [sic], o que demonstra um enorme equívoco, sugerindo uma grande confusão em relação a datas e cronologia de episódios históricos². Também nos desorientados relatos dos fatos, ouviu-se que os acontecimentos do 27 de janeiro de 1865 em Jaguarão estariam vinculados a um contexto mais amplo, envolvendo uma revolução no Uruguai, o que é verdade. Na explicação da pugna, foi referido que a cidade uruguaia de Taquarembó também possui o título de heroica por lutar contra três exércitos que queriam ocupar a cidade, o que é uma meia verdade, pois a localidade uruguaia envolvida no conflito foi a cidade de Paysandú, que resistiu ao cerco do exército dos revolucionários uruguaiois do partido Colorado, juntamente com os exércitos do Império brasileiro e da República Argentina, na época governada pelo presidente Bartolomé Mitre. Por esse motivo, Paysandú também é conhecida como “cidade heroica”.

O mais impressionante em relação a tudo isso é que as declarações são dadas com confiança, como quem possui propriedade e conhece o assunto e que, de certo modo, deseja ser convincente, apesar de, claramente, não saber do que está falando, pois nos relatos escutados apareceram verdadeiros absurdos, uns mais acentuados e outros com distorções menores. É possível presumir que esse tipo de equívoco exista porque, em geral, as pessoas não se atentam a datas históricas, ou mesmo porque o tema da defesa de Jaguarão na ocasião do enfrentamento da população com os uruguaiois que atacaram a cidade tenha uma propagação mais frequente

² Como se verá mais adiante, o ataque a Jaguarão pode ser entendido como um dos acontecimentos que precederam a Guerra do Paraguai, porém a conflagração dos embates com os paraguaiois só aconteceria mais tarde.

através de narrativas orais, o que pode ocasionar deturpações dos acontecimentos, traídos pelo caráter confuso da memória. Outro problema que também contribui para as incorreções das falas é que, quando esse assunto é tratado formalmente nos estudos escolares – normalmente no 4º ano do ensino fundamental –, os alunos ainda são crianças sem o amadurecimento para realizar um questionamento e ter uma reflexão crítica dos fatos históricos. Com isso, o que acaba prevalecendo no imaginário desde tenra idade é a valorização das heroicidades, que passam a ser orgulhosamente repetidas, mesmo que através de distorcidas narrativas.

Das cerca de vinte pessoas com as quais foram feitos levantamentos pela enquete, algumas delas fizeram longos relatos, porém sem propriedade sobre o assunto. Foi possível perceber que sabiam muito (ou assim queriam demonstrar), mas no fundo não sabiam nada. Houve um único relato que apresentou dados precisos e corretos, sem necessidade de reparação das informações. Inclusive fez menção à liderança dos soldados blancos, que foi o caudilho Basilio Muñoz. Falou pouco, mas falou certo.

Junto a essa diversidade de criações sobre o que seja o reconhecimento do dia 27 de janeiro de 1865, também é importante que se tenha a compreensão de que existem divergências nas fontes bibliográficas que podem ser consultadas. Se, por um lado, os jornais do século XIX que registraram os fatos da invasão dos blancos a Jaguarão destacam a bravura e a heroicidade daqueles que defenderam a cidade, por outro, textos de publicações uruguaias dão destaque para um feito favorável àqueles que atacaram a cidade. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, para aprofundar a análise dessa discrepância de versões, no capítulo 1, intitulado “Cada lado tem sua história”, será contextualizado o histórico do conflito, apontando e analisando os discursos que constroem narrativas nacionalistas que, mais do que esclarecer, infundem ideias que contribuem para o estabelecimento de xenofobias. O contraponto de versões também possibilita verificar que a imaginação é um componente considerável na descrição dos acontecimentos históricos.

Se a invenção faz parte na construção da história, também a literatura revela marcas ideológicas que abordam o passado a partir de diferentes perspectivas. Para tratar desse tema, no capítulo “Literatura e História em desvios e acercamentos”, o segundo deste trabalho, serão desenvolvidas considerações sobre inter-relações entre as áreas da Literatura e da História, bem como o conceito da construção do herói, uma vez que as obras literárias analisadas no capítulo 3, cujo título é “O 27 de janeiro literário”, apresentarão enfoques diversificados na revelação do protagonismo das personagens que atuaram no acontecimento que marcou a história de Jaguarão. Compreendemos que as perspectivas que as representações literárias oferecem sobre

a histórica data enaltecida em Jaguarão podem contribuir para estudos aprofundados e interpretações relevantes para a o significado do dia 27 de janeiro de 1865.

1. CADA LADO TEM SUA HISTÓRIA

Se, por um lado, os entendimentos populares sobre o 27 de janeiro de 1865 são fartos e possuem as mais diversas versões – a maioria fruto da imaginação –, por outro, os apontamentos históricos são escassos e se limitam, basicamente, às notícias que os jornais da região publicaram na época, entre eles o *Diário do Rio Grande*, *O Commercial* – ambos sediados na cidade de Rio Grande – e o *Echo Jaguareense*, jornal que era editado em Jaguarão. Além do registro jornalístico, também é conhecido o texto “A invasão da fronteira de Jaguarão em 27 de janeiro de 1865”, escrito por Antonio Maria Pinto ainda no calor dos acontecimentos, pois foi publicado na revista *Arcádia* apenas três anos após o episódio.

Tivemos acesso aos textos desses jornais através do livro *1865*, organizado por Eduardo Álvares de Souza Soares – um documentarista ou um “contador de histórias”, conforme se autointitula –, que reúne os artigos que noticiaram os fatos vivenciados pela população jaguareense naquela data. Segundo Soares, na época do ataque a Jaguarão, existia ainda outro jornal, o *Atalaia do Sul*, mas nenhum exemplar seu há nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão – onde se preserva o “Echo Jaguareense” do dia 28 de janeiro de 1865, noticiando os fatos dos dias 25, 26 e 27 daquele mês –, nem na Biblioteca Riograndense – que guarda os periódicos *Diário do Rio Grande* e *O Commercial*. Porém, enfatiza o autor, esses dois jornais rio-grandinos, basicamente, reproduzem o que foi noticiado pelo “Atalaia do Sul”, que é constantemente citado nos seus artigos. O mesmo Eduardo Alvares de Souza Soares reproduziu o texto de Antonio Maria Pinto no volume 7 dos *Cadernos Jaguareenses*, editado em 2015 pelo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Antes de que se avance nos comentários dos registros da imprensa do século XIX sobre o 27 de janeiro de 1865, convém que seja situado historicamente o contexto político e fronteiriço daquele momento, uma vez que os acontecimentos daquele dia não são fatos isolados, mas sim estão interligados à conjuntura das disputas em relação à Campanha do Uruguai³ e, posteriormente, ao desencadeamento da Guerra do Paraguai, como já foi mencionado.

³ A Campanha do Uruguai – ou “La Misión Saraiva”, como nomeiam os uruguaios – foi um diálogo diplomático repleto de mútuas acusações e cobranças de parte a parte a respeito de perseguições, roubos e mortes em relação a brasileiros residentes na região norte do Uruguai no século XIX.

1.1 Campanha do Uruguai

A histórica presença brasileira dentro do território uruguaio sempre foi um incômodo para os projetos de nação do país vizinho. Pode-se dizer que as origens dessa situação se remontam ao início da colonização europeia na região, desde a fundação de Colônia do Sacramento pelos portugueses, em 1680, passando pelo período das independências nas primeiras décadas do século XIX, época em que o Império brasileiro, em diferentes momentos, ocupou o território platino. Esse histórico provocou que, na segunda metade do século XIX, vivessem em território uruguaio uma população de aproximadamente 40.000 brasileiros. No entanto, por questões sociais, políticas e econômicas, a convivência entre brasileiros e uruguaios nem sempre era pacífica.

Desde a década de 1840, o Uruguai já havia decretado a abolição da escravatura, enquanto que no Brasil ela ainda existia. Com isso, o tráfico e o contrabando de negros na região fronteiriça eram constantes. Além disso, muitas famílias de brasileiros se queixavam de ataques de bandoleiros, que saqueavam seus ranchos, roubavam seu gado, matavam seus conterrâneos. Também era descontentamento os recrutamentos feitos pelo governo uruguaio para que brasileiros lutassem pela bandeira do partido Blanco na guerra civil, iniciada em 1863, quando governistas enfrentaram a oposição do partido Colorado, chefiado pelo general Venancio Flores.

Essa questão fica evidente no caso da “Missão Saraiva”, embate diplomático travado entre o conselheiro brasileiro José Antônio Saraiva e o ministro uruguaio Juan José de Herrera em 1864. No mês de abril daquele ano, representando os brasileiros donos de terras no norte do Uruguai, o General Antonio de Souza Netto – que havia optado por viver no país vizinho após o fim da Revolução Farroupilha – solicitou ao Império do Brasil proteção às famílias e às propriedades dos seus compatriotas, pois eles vinham sendo intimidados e ameaçados pelos caudilhos uruguaios.

Diante disso, buscando uma fórmula política, o imperador Dom Pedro II ordenou a “Missão Saraiva”, que, através do conselheiro que deu nome à incumbência diplomática, reivindicava providências do governo de Montevideu aos abusos e arbitrariedades sofridas pelos brasileiros por parte dos uruguaios. Em documento, o governo imperial do Brasil relacionou uma longa série de episódios ocorridos desde 1852 até aquele ano de 1864. Entre as reclamações das violências sofridas por brasileiros e que seguiam pendentes, sem uma solução a contento com suas expectativas, conforme o “Documento número 2” da Missão Especial do Brasil (Missão Saraiva), datado a 18 de maio de 1864, estavam:

Secuestro de los bienes de Adriano Muniz Fagundes, ordenado por el hermano del general don Manuel Oribe; detención forzada en Paysandú; perjuicios resultantes de la detención, retención del ganado que el paciente tenía en sus campos y las expoliaciones que sufrió de las autoridades de Paysandú. Se inició la reclamación el 13 de julio de 1853, pero todavía está pendiente. (MARCHA, 1972, p. 7).

Asesinato en Curral de Piedras del brasileño Juan da Silveira, su mujer, 5 hijos menores y un huésped. Se pidió verbalmente el castigo de ese atentado el 3 de diciembre de 1855. Fue la reclamación renovada por nota de 26 de agosto de 1858, sin éxito alguno. (MARCHA, 1972, p. 8).

Recluta de súbditos brasileños en Tacuarembó. Violencias practicadas contra Francisco Rufino Xavier por haber exhibido su título de nacionalidad brasileña. El 10 de abril de 1860 reclamó en vano la legación imperial contra los abusos, que desmentían las esperanzas autorizadas por las aseveraciones de la nota del gobierno oriental de 4 de enero del mismo año. (MARCHA, 1972, p. 10).

En julio de 1863, las fuerzas del general D. Diego Lamas, acampando en la estancia de Mataperro, propiedad de Manuel Antonio Braga, ahí cometieron muchas violencias, incendiaron ranchos y corrales, mataron indistintamente el ganado manso o bravo, y en tres días 300 reses; extraviaron muchas otras; levantaron toda la caballada existente en el campo, sin dejar ni aun los caballos indispensables para el servicio de la estancia.

La legación imperial reclamó por nota de 20 de octubre último. El señor ministro de Relaciones Exteriores respondió el 22 del mismo mes, que pasaba a pedir informaciones, mas juzgó deber revestirla culpa para los brasileños en general, los cuales, decía S. E., acompañando la causa del general D. Venancio Flores ocasionaban tales hechos. La legación explicó el 24 de dicho mes, y no obtuvo más respuesta. (MARCHA, 1972, p. 13-14).

A contrapartida do governo uruguaio foi também relacionar uma série de casos provocados por brasileiros no seu território, como o de sequestros de negros para serem escravizados no Brasil. Argumentava o ministro Herrera que, se havia descontentamento das famílias brasileiras com as legislações uruguaias, seria uma opção delas voltar para o seu país de origem. Caso contrário, era dever respeitar as leis que regiam o Uruguai. Entre os casos apontados, estavam:

Iniciada ante el gobierno imperial por la nota del 26 de abril de 1858 en favor de diversas personas y familias de color esclavizadas en Yaguarón.

Todavía no ha sido contestada.

Iniciada ante el gobierno imperial por la nota del 26 de abril de 1858 en favor del joven oriental Libanio esclavizado en Río Grande.

Iniciada ante el gobierno imperial por la nota del 20 de octubre de 1856 por las invasiones de brasileños armados en el departamento de Tacuarembó. (MARCHA, 1972, p. 27).

Iniciada por el Ministerio de Relaciones Exteriores ante la legación imperial por nota de 6 de marzo de 1863 con motivo de haber sido herido un guarda del resguardo en el muelle de la Victoria por varios marineros brasileños tripulantes de una lancha de guerra. (MARCHA, 1972, p. 39).

Não havendo entendimento entre os governos do Império do Brasil e da República do Uruguai, aconteceu o desencadeamento da aliança brasileira com o partido Colorado na

intenção da derrubada do governo do partido Blanco. Era promessa do líder colorado, o general Venancio Flores, acatar as reivindicações dos brasileiros.

1.2 Ataque a Paysandú

A interferência do General Antonio de Souza Netto na corte do Rio de Janeiro provocou a preocupação do Império com a questão dos brasileiros domiciliados no Uruguai. Como os movimentos diplomáticos não surgiram efeito, o governo brasileiro resolveu juntar-se aos propósitos revolucionários dos colorados, pois também era interesse da Coroa obter influência sobre o Uruguai, já que conflitos com o Paraguai se intensificavam e a declaração de uma guerra era eminente. Nesse contexto, o apoio oriental seria importante e indispensável.

Após tomar a cidade de Salto, no noroeste uruguaio, as forças coloradas do general Venancio Flores dirigiram-se a Paysandú, agora já apoiadas pelo Império brasileiro.

O cerco a Paysandú iniciou-se a 2 dezembro de 1864, exigindo que os blancos se entregassem. Porém, eles não se renderam e, dias depois, começou um implacável bombardeio. O poder de fogo era grande, pois contava com a esquadra brasileira do almirante Tamandaré e com os exércitos invasores dos generais João Propício Menna Barreto e Antonio de Souza Netto, nos quais “[...] boa parte da Guarnição e Fronteira de Jaguarão se incorporara” (SOARES, 2015, p. 47). O bombardeio foi intenso e sem interrupção. Mas a resistência daquela cidade, liderada pelo comandante Leandro Gómez, foi aguerrida, provocando que o ataque durasse um mês, até o dia 2 de janeiro de 1865, quando finalmente houve a rendição, já com um grande número de mortos e a cidade arrasada, deixada em escombros. A bravura dos blancos na defesa de Paysandú fez com que, hoje, a cidade ostente o título de “heroica”.

1.3 27 de janeiro na história

Após tomar Paysandú, os colorados uruguaio e os seus aliados brasileiros rumaram a Montevideu para derrubar o governo do presidente Atanasio Aguirre. Com o propósito de impedir a marcha dos imperiais, foi estratégia dos blancos atacar a fronteira brasileira com o intuito de que as tropas dos generais Menna Barreto e de Souza Netto recuassem para defender o seu território. Dessa forma, Basilio Muñoz, Ángel Muniz e Timoteo Aparicio, caudilhos do partido Blanco no norte do Uruguai, planejaram um ataque a Jaguarão no dia 27 de janeiro de 1865, o tão lembrado dia que, hoje, na cidade, poucos sabem o que representa.

1.3.1 Versão brasileira

Notícias dos jornais *Diário do Rio Grande*, *O Commercial*, ambos rio-grandinos, e do *Echo Jaguareense*, este publicado na cidade fronteiriça, dão suas versões para os fatos ocorridos em Jaguarão naquele 27 de janeiro. Em *O Commercial*, transcrevendo notícias do jornal *Atalaia do Sul*, é apontado que, até dias antes da invasão dos blancos, a vida em Jaguarão “[...] estaria a fluir na mais plena e absoluta normalidade.” (SOARES, 2015, p. 60). Porém, é sabido que a inquietação dos habitantes da cidade já era uma realidade, pois, na edição do dia 17 de janeiro, comentava-se que estaria se aproximando uma força do exército blanco bastante numerosa, que, segundo versões populares, “[...] uns querem que seja de 2.000 homens, outros, de 1.200, comandados pelo *Lanza Seca* [Timóteo Aparicio] e Basilio Muñoz” (SOARES, 2015, p. 60). No *Echo Jaguareense*, é salientado que, desde antes do dia do ataque, “[espiões] percorriam e percorrem as ruas da cidade somente com o intuito de atraiçoar-nos [...]” (SOARES, 2015, p. 116). O mesmo jornal, publicado um dia após os enfrentamentos, acrescenta: “Ainda hoje existem nesta cidade alguns [espiões] sob proteção dos nossos mesmos patrícios [...] estamos averiguando e pesquisando, como nos cumpre, quais desses brasileiros que se tem portado pela maneira acima dita” (SOARES, 2015, p. 116). Segundo a notícia, o propósito dos brasileiros que estariam acobertando uruguaio do partido Blanco seria a preservação do seu patrimônio particular aos ataques dos invasores, não se importando com a defesa da cidade.

No livro *1865*, Eduardo Álvares de Souza Soares publica uma carta do presidente Atanasio Aguirre, dirigida ao caudilho Basilio Muñoz, em que ordena o ataque a Jaguarão: “Tenho confiança em que os resultados que você irá obter com as forças sob seu comando nos irão resultar em dias de glória à Pátria [...]” (SOARES, 2015, p. 61). Nesse mesmo livro, que recupera as notícias dos jornais, encontram-se duas proclamações, uma de Basilio Muñoz e outra de Ángel Muniz, estampadas originalmente no jornal *Atalaia do Sul*, no dia 22 de janeiro, e que foram reproduzidas depois no *Diário do Rio Grande*. O texto de Basilio Muñoz, conclamando seus seguidores ao ataque a Jaguarão, dizia: “Nossa missão é combater pela independência de nossa pátria, ameaçada pelo Império do Brasil. [...] só combateremos os servos de D. Pedro II, até fazer compreender a esse ambicioso monarca que nós, orientais, nunca seremos escravos de sua infame coroa [...]”. E também trazia o alerta: “Só recomendo respeito a todos os vizinhos pacíficos e famílias [...] e não percam tempo de mais uma vez provar ao Brasil e ao mundo inteiro que somos dignos do nome orientais [...]”. (SOARES, 2015, p. 92). Por outro lado, um correspondente do *Echo Jaguareense* afirma desconfiar da veracidade dessa mensagem, pois:

Temos em nosso poder as fantásticas proclamações que alguém fez correr pelo Departamento de Cerro Largo, que não as publicamos porque, além do seu estilo nojento, são elas falsas, porque figura em uma assinatura de Basilio Muñoz, que, nós sabemos, assim como todos daquele Departamento, que esse bandido nem ao menos sabe assinar seu próprio nome. (SOARES, 2015, p. 118).

Apesar das recomendações nos chamamentos realizados pelos blancos, os habitantes de Jaguarão se mostravam muito receosos, conforme se constata na notícia do *Diário de Rio Grande*: “De tudo eles [os blancos] são capazes e, audaciosos como são, é bem possível que tentem incomodar-nos assaltando as povoações fronteiras pouco guarnecidas, como infelizmente, estão todas elas” (SOARES, 2015, p. 93). A debilidade da fronteira também é ressaltada no texto de *O Commercial*: “[...] tivéssemos um batalhão de linha e quatro ou seis bocas de fogo, estava este lugar respeitado e não sujeito a tantas desgraças que estão acontecendo aos moradores por onde vai passando esta súcia de caudilhos” (SOARES, 2015, p. 67).

Eduardo Álvares de Souza Soares, ao resgatar as notícias dos jornais que publicou no livro *1865*, faz o seguinte comentário com relação à situação desprotegida em que se encontrava Jaguarão naqueles dias que precederam o ataque dos blancos:

A única cidade, de fato, atacada por cavalarianos “bem armados e bem montados”, foi Jaguarão. Pouco, ou quase nada, vindo das autoridades civis e militares, fez-se para defendê-la, a não ser o esforço inusitado dos dois corpos de cavalaria, inclusive da reserva da Guarda Nacional. [...] o Presidente da Província, como se lerá nas “partes oficiais” era constantemente informado pelo Coronel Manoel Pereira Vargas acerca dos movimentos sitiantes, das nossas carências, da urgência nos reforços, tanto de homens quanto de material de guerra. (SOARES, 2015, p. 67).

Sem o socorro das autoridades, a própria população aderiu às armas, como relata o *Echo Jaguarense*: “Tivemos ocasião de assistir a esse ato, e vimos que eram mais de 100 homens bizarros e que seus semblantes denotavam serem capazes de a sós rechaçarem qualquer força que por diante lhes aparecesse.” (ECHO JAGUARENSE, 1865, p. 2)⁴. Em *O Commercial*, também é mencionado esse fato, mas sem desmerecer a capacidade dos voluntários: “Hoje, tarde, apresentaram-se ao comando da guarnição uma porção de celerados para auxiliarem a praça, no caso de assalto.”. (SOARES, 2015, p. 64).

Sabendo do eminente perigo, a população jaguarense já preparava a sua defesa, como aparece relatado no *Diário Rio do Rio Grande*: “Barricas, pipas, carretas, tábuas, etc. são conduzidos para as bocas das ruas, e já algumas estão tomadas” (SOARES, 2015, p. 95). Em *O Commercial*, a preparação das trincheiras também foi notícia: “Tratou-se de fortificar algumas

⁴ Esse trecho citado, talvez por descuido, não consta na reportagem do *Echo Jaguarense* transcrita no livro *1865*, de Eduardo Álvares de Souza Soares. Tivemos acesso a esse texto na leitura de um exemplar original que se encontra no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ruas da cidade [...]. As bocas de rua foram fechadas com carroças, carretas, barricadas, postes, moirões, tábuas, etc. A prevenção nunca foi considerada como medo; ao contrário, é energia e força de ação”. (SOARES, 2015, p. 63-64). Ao mesmo tempo, mulheres e crianças desprotegidas foram embarcadas no vapor Rio-grandense, fundeado na região do Sangradouro, às margens do rio Jaguarão.

Enquanto procurava organizar a sua defesa, a população jaguareense percebeu a presença de pessoas estranhas na cidade, como aparece no texto do jornal *Diário de Rio Grande*: “Há quatro ou cinco dias andaram nesta cidade vários indivíduos orientais, ora a pé, ora a cavalo, completamente desconhecidos [...]” (SOARES, 2015, p. 95). O mesmo jornal, transcrevendo notícia do *Echo Jaguareense* do dia 25 de janeiro, acusa alguns blancos residentes em Jaguarão, pois eles seriam “[...] bombeiros e secretos correspondentes das forças inimigas”, citando que “[...] Xará, Costa, Cruz, Santiago e outros que entre nós vivem e fazem alarde de pertencer ao partido com que nos achamos em guerra, não são por nós, logo são contra nós e, conseqüentemente, nossos encarniçados inimigos [...]” (SOARES, 2015, p. 95).

O ataque dos blancos a Jaguarão se efetivou na manhã do dia 27 de janeiro, conforme notícia *O Commercial*: “Na madrugada do dia 27 do corrente, transpuseram os sicários nossa linha, pelo passo do rincão da Armada [...]” (SOARES, 2015, p. 70). As primeiras escaramuças se deram ainda fora da cidade, onde as forças inimigas foram interceptadas pelos defensores, que logo recuaram, pois não puderam oferecer resistência: “[...] como fazê-lo, quando se apresentaram os vândalos em número de 1.500?” (SOARES, 2015, p. 70), indaga o correspondente do jornal. Além disso, “[...] essa pequena força [dos jaguareenses] se compunha de homens que pouco ou nada conheciam o exercício da arma” (SOARES, 2015, p. 70). Protegidos nas trincheiras, os combatentes brasileiros puderam melhor se defender “[...] desde os cantões das avenidas, por onde se apresentavam os ladrões” (SOARES, 2015, p. 71).

Ressalta-se que os diferentes jornais são unânimes em apontar a bravura dos jaguareenses na defesa da cidade. Para *O Commercial*: “Era tal o entusiasmo das guarnições dos cantões, que os homens se atiravam das sotéas a baixo, para irem bater-se com os vândalos que nos vinham roubar.” (SOARES, 2015, p. 71). O *Diário do Rio Grande* registra: “Os blancos atacaram, de fato, aquela cidade, mas não a penetraram, e foram repelidos com toda energia, apesar da falta de recursos que se fazia sentir”. (SOARES, 2015, p. 97). E, no *Echo Jaguareense*, encontramos: “[...] quando, às 11 horas e meio-dia, já vimos que nossas cavalarias se retiravam batendo-se com esses inimigos, que vinham sedentos de sangue e ouro e, ao descobri-los com nossos fuzis, fizemos-lhes uma carga que retrocederam.” (SOARES, 2015, p. 118).

Ao mesmo tempo em que enfatizam a coragem dos jaguarenses, os textos publicados nos jornais não poupam desqualificar os inimigos. Com recorrência, denominam os blancos com adjetivos como “cáfila de bandidos”, “sicários”, “vândalos”, “assassinos”, “malditos”, “horda de canibais”, “salteadores”, “mazorqueiros”, “ladrões”, “bando de malfeitores”. O correspondente do jornal *O Commercial* chega a dizer: “Eu mesmo não sei como posso classificar essa matilha, porque, recorrendo ao vocabulário português, não pude encontrar um nome adequado a tal gente, porque da espécie humana só tinham a figura.” (SOARES, 2015, p. 70). Também no *Echo Jaguarensense* as expressões não são amistosas: “Vamos, ora, dar notícia ao público do ocorrido desde o dia 25 até hoje, por esses degenerados, por essa canalha, por esse punhado de bandidos orientais, que se intitulam *blancos* e que ousaram invadir Jaguarão” (SOARES, 2015, p. 116).

Sobre a invasão, o *Diário do Rio Grande* noticia que “[...] os *blancos* haviam passado, em número de 400 homens, ao nosso território, no Passo das Pedras, pouco abaixo da cidade de Jaguarão, sendo a força inimiga de mil e tantos assassinos” (SOARES, 2015, p. 93). Mais adiante, o mesmo jornal informa: “Para poder-se bem avaliar que gente era essa, basta ver-se que todos, além das outras armas, traziam na cinta faca para degolar e, nos tentos, saco para os despojos [...]” (SOARES, 2015, p. 102).

Os primeiros ataques dos blancos a Jaguarão aconteceram na manhã do dia 27 de janeiro, por volta das 7h. Foi quando “[...] crianças, mulheres e alguns homens medrosos, aglomeraram-se nos iates [...] que se achavam fundeados no nosso porto” (SOARES, 2015, p. 101). Nas horas seguintes, outros avanços dos inimigos ocorreram, porém sempre foram repelidos ou pela cavalaria ou pelas guarnições das trincheiras: “[...] foi a cidade atacada, mas defendida com bravura e o inimigo rechaçado denodadamente em três cargas que fez.” (SOARES, 2015, p. 68), informa *O Commercial*. No *Diário do Rio Grande*, se relatou que “O inimigo, depois de sustentar fortes guerrilhas com as nossas forças, desde o Passo da Armada até as barricadas da cidade, foi obrigado a retroceder” (SOARES, 2015, p. 97). Defendendo os flancos, os vapores Apa e Cachoeira lançavam balas de canhão, impedindo as ofensivas dos invasores, forçando-os a se retirarem para “[...] ocupar as alturas onde pouco antes tinha[m] estado” e, dali, sitiarem a cidade.

Após as frustradas tentativas de invasão, o general Basilio Muñoz, comandante do blancos, enviou uma intimação exigindo a rendição das forças de defesa jaguarenses, sob pena das desgraças que sofreriam. Conforme consta nas notícias do *Diário do Rio Grande*: “Ao meio-dia do dia 27, mandou o chefe dessa horda de canibais um parlamentar com ofício ao comandante desta guarnição, intimando-o a que nos rendêssemos e entregássemos a cidade”

(SOARES, 2015, p. 98). Na sua resposta, o coronel Manoel Pereira Vargas, comandante da guarnição da fronteira, foi enérgico: “[...] pode continuar a pôr em execução o seu plano de ataque a esta cidade, porque a guarnição do meu comando jamais se entregará.” (SOARES, 2015, p. 104).

O ataque dos blancos ficou na ameaça, pois desapareceram durante a noite. Porém, na sua retirada, conforme relatam os jornais, houve saques e destruição: “O inimigo, em sua fuga, foi saqueando as casas pela costa do Jaguarão e do Telho e levando os escravos que encontravam (SOARES, 2015, p. 97), relata-se no *Diário do Rio Grande*, jornal que também descreve:

Nos arredores da cidade saquearam horrível e desapiedadamente, não excetuando-se a mais insignificante choupana; e o que não podiam levar, quebravam, estragavam e reduziam a ruínas. [...] Estes homens estavam como leões, e em seus semblantes se notava o desejo ardente de destroçar o inimigo. (SOARES, 2015, p. 98-99).

Em outra passagem do relato presente no *Diário do Rio Grande*, a crueldade provocada pelos invasores é ainda mais bárbara: “Foi uma horda de vândalos; saquearam todas as chácaras, muitas estâncias, quebraram ricas mobílias, pianos, tudo enfim estragaram; violentaram moças, levaram mais de 60 escravos para serem transformados em soldados e mais de 3.000 cavalos.” (SOARES, 2015, p. 102).

Sobre a questão dos invasores levar escravos das estâncias, é importante destacar que, no Uruguai, desde a década de 1840, não existia escravidão. Assim, os blancos prometiam a liberdade àqueles que se juntassem ao seu efetivo nos combates contra os opositores colorados.

Em todos os jornais que pudemos consultar a partir do livro *1865*, é ressaltada a bravura e o heroísmo daqueles que defenderam a cidade de Jaguarão. Notícias do *Echo Jaguareense* foram redigidas do próprio punho de um dos combatentes: “Nós nada tememos. Estamos com uma mão no fuzil e outra na pena, para sustentar, ileso, o direito do povo jaguareense.” (SOARES, 2015, p. 117). Por sua vez, o *Diário do Rio Grande* nomeia algumas personalidades que se destacaram nos embates: “Cumpre ressaltar que [...], se hoje estamos com vida, devemos à inaudita atividade do ex-1º Tenente da Armada Pedro Maria Amaro da Silveira” (SOARES, 2015, p. 97), e “Cabe aqui dizer que o Coronel Vargas portou-se como um valente [...]. Se os castelhanos avançaram com coragem, das trincheiras e das sotéas a nossa pequena infantaria os recebeu com valentia (SOARES, 2015, p. 101-102).

Mesmo que tenha sido um ataque de apenas algumas horas, aquele 27 de janeiro de 1865 ficou marcado na história de Jaguarão sem chegar, de fato, a haver uma invasão da cidade. Mas foi o que bastou para glorificar o heroísmo dos seus cidadãos. É o que entendemos pelo

relato dos jornais: “Felizmente foi mais barulho que outra coisa, e essa gente fica conhecendo que [...] tivemos bastante patriotismo e coragem.” (SOARES, 2015, p. 97).

1.3.2 Versão uruguaia

Se, nas reportagens dos jornais brasileiros, é destacada a heroicidade da população jaguareense e uma vitória na defesa da cidade, as versões uruguaias sobre o mesmo fato apontam que a história é outra. Exemplo disso é o verbete “Batalla de Yaguarón”, na enciclopédia da página *web Wikia Uruguay*, que registra o episódio do dia 27 de janeiro de 1865 como uma das batalhas referentes à “invasión brasileña” a respeito do conflito entre blancos e colorados. Ou seja, no lugar da invasão dos blancos a Jaguarão, tem-se um discurso invertido, salientando a presença de brasileiros na guerra civil uruguaia nos anos de 1864 e 1865. A publicação *Agenda Blanca*, de Daniel Cerro Curcho, que relembra datas e personagens importantes do partido Blanco (hoje partido Nacional), informa que o ataque a Jaguarão foi uma resposta à ajuda dos imperiais brasileiros ao partido Colorado na tomada de Paysandú durante a guerra civil daquele período no Uruguai. Conforme esse texto, o exército blanco “[...] pasa a territorio brasilero por el Paso de Almada [sic] y derrota a 500 brasileros” (CURCHO, 2017, p. 26). Esse dado é reforçado por Washington Lockhart ao apontar que “El Gobierno oriental dispuso [...] la invasión del Brasil, logrando dispersar Basilio Muñoz una partida de quinientos hombres trayendo como botín un estandarte” (LOCKHART, 1976, p. 74). Cerro Curcho diz também que o presidente Atanasio Aguirre tinha dado ordens a Basilio Muñoz para atacar o território brasileiro, o que deveria forçar os brasileiros a recuarem para defender suas fronteiras. Assim, “[...] Muñoz inició la marcha al frente de unos 1.700 hombres, todos de caballería, llevando oficiales como Timoteo Aparicio, José Pedro Ferrer y Santiago Botana.” (CURCHO, 2017, p. 26).

Por sua vez, Alfredo Castellanos apresenta elementos mais detalhados na descrição dos acontecimentos. Cita, por exemplo, o manifesto de Muñoz aos seus soldados, com o qual o general procurou incentivá-los naquela campanha, chamando a atenção de que lutariam contra a opressão do Império brasileiro e pela memória dos vitoriosos combates que tiveram na sua Guerra da Independência (que no Brasil se conhece por Guerra da Cisplatina), entre 1825 e 1828:

Vais a batiros por el orgullo nacional, por vuestra independencia por las instituciones, por salvar a nuestras familias del oprobio que caería sobre todos si fuéramos conquistados por ese Imperio brasileño que viene a arrebatarnos los laureles que arrancasteis de sus manos en Sarandí, Rincón de las Gallinas, India Muerta, Ituzaingó.” (CASTELLANOS, 1977, p. 50).

Este mesmo historiador uruguaio, relatando vitórias nos enfrentamentos com os brasileiros na fronteira, naquele janeiro de 1865, informa que os combatentes blancos, após atravessarem o rio Jaguarão pelo “paso da Almada [sic]”, puseram “[...] en fuga a una pequeña guardia brasileña apostada en aquel lugar, la que fue perseguida, lográndose tomar dos prisioneros”. (CASTELLANOS, 1977, p. 50). Também relata que

Siguiendo por el [rio] Yaguarón abajo, sobre la costa del Arroyo del Tello, a tres leguas de la ciudad de Yaguarón, fue derrotada una fuerza brasileña de más de 500 hombres, la que emprendió la fuga refugiándose en aquella plaza, dejando en poder de sus vencedores varios oficiales y soldados prisioneros, muchos de ellos heridos, numerosas armas y caballadas y un pabellón imperial brasileño. (CASTELLANOS, 1977, p. 50).

Diferente do que se lê na imprensa brasileira, Alfredo Castellanos diz que “La ciudad de Yaguarón fue sitiada durante algunos días” e que “[...] el pabellón brasileño tomado al enemigo fue paseado en manifestación por las calles de Montevideo, arrastrado y pisoteado en medio de entusiastas aclamaciones.” (CASTELLANOS, 1977, p. 50-51).

Portanto, pela leitura das referências bibliográficas uruguaias, é possível constatar que a campanha dos blancos obteve êxito, já que as baixas relatadas não são próprias, mas, sim, somente do inimigo. Além disso, comemora-se o entusiasmo na depreciação de uma bandeira imperial, o que pode significar um êxito dos seus propósitos. Significativa também é a afirmação que faz Castellanos de que foram apreendidos oficiais e soldados brasileiros. Ou seja, não há dúvida de que a versão dos documentos uruguaio aponta para uma vitória dos blancos na investida sobre Jaguarão.

No entanto, como observa o professor Mário Maestri, o ataque a Jaguarão “[...] foi uma tentativa desesperada de reverter uma situação crítica, [...] sem grandes resultados.” (MAESTRI, 1984, p. 149). Mesmo assim, ainda segundo Maestri, confirma-se que houve saques às estâncias, onde foram arrebanhados muitos cavalos e que o número de escravos capturados seria superior a cem.

Não foi possível encontrar documentos mais consistentes que apresentassem o discurso dos uruguaio, o que é uma tarefa ainda a ser construída. Porém, é cabível imaginar que a não existência de relatos precisos e atestados deva-se a um provável insucesso nas ofensivas dos combatentes de Basilio Muñoz.

2 LITERATURA E HISTÓRIA EM DESVIOS E ACERCAMENTOS

2.1 Literatura e História

A oposição dos relatos dos jornais brasileiros e os apontamentos uruguaiois para dar conta de um mesmo fato explica-se pela questão de que o texto histórico sempre será incompleto e fragmentado, uma vez que se constrói a partir de seleção e exclusão daquilo que se deseja narrar. Assim, conforme as intenções de cada historiador, os registros de um acontecimento podem tomar rumos contraditórios. Também, o texto histórico, por mais que se esforce para ser completo, sempre deixará lacunas. São por esses espaços silenciados que a literatura se faz presente para contar aspectos imaginados, mas não por isso desmerecedores de possíveis revelações, apesar de não documentados.

As relações entre História e Literatura possuem discussões desde a antiguidade. Na *Poética*, Aristóteles apontou distinções, cabendo ao historiador relatar fatos que aconteceram, e, ao artista, criar versões originais. Essa reflexão perdurou por séculos, porém também possibilitou a manipulação do que pudesse ser reconhecido como verdade. Diante disso, os iluministas do século XVIII apregoaram a razão como detentora para o entendimento do que pudesse ser concebido como verídico. Já no século XIX, instaurando-se como disciplina erudita, a História dos positivistas objetivou a exatidão científica, o que a dissociaria do caráter ficcional da Literatura. Porém, como alerta Hayden White, os historiadores “[...] não compreendiam que os fatos não falam por si mesmos, mas que o historiador fala por eles, fala em nome deles, e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é – na sua representação – puramente discursiva.” (WHITE *apud* RIOS, 2016, p. 205).

Nas confluências entre o histórico e o literário, a professora Dinameire Oliveira Carneiro Rios (2016) destaca empréstimos – em via de mão dupla – que as narrativas de uma área de conhecimento toma da outra. Assim, mesmo que a História se debruce sobre comprovados rastros do passado, buscará dar sentido aos acontecimentos a partir não de um fato real, mas de uma interpretação dos rastros desse fato no tempo presente. Por sua vez, apoiada em documentação conhecida, a literatura tentará convencer o leitor da verossimilhança da sua narrativa. Como bem aborda a pesquisadora,

[...] enquanto o historiador tenta designá-lo [o mundo] ao constituir os destroços deixados pelo passado no sentido de moldar uma ordem, o escritor se preocupa em desconstruir, através da representação, as representações já existentes nele, o que possibilita novas orientações sobre o mundo. (RIOS, 2016, p. 215).

Dessa forma, enquanto o historiador realiza a construção de um discurso através de exterioridades (os documentos), o escritor provoca uma desconstrução por meio de uma

interioridade da realidade, criando vozes que poderão ser contrárias ao discurso hegemônico. Isso é o que enfatiza o historiador Edgardo H. Berg:

La ficción literaria, articulando un discurso contrahegemónico y oposicional, disputa y confronta con los deseos imaginarios de la historia oficial, pugna por sacar a luz las voces interdictas de la Historia. Ese tejido o relato que enhebra la literatura con el archivo de la Historia, con las textualizaciones previas del pasado, se bifurca en una multiplicidad de caminos y vías regias, de sistemas de creencias o ideologías de escritura. (BERG, 1995, p. 94).

Nessa mesma perspectiva apontada pelo historiador argentino, o pensamento difundido pela Nova História, concepção que apareceu na primeira metade do século XX a partir da revista dos *Annales*, na França, colocou em xeque a história difundida através de heroísmos e monumentos de figuras ilustres. Buscando valorizar as vozes de outros sujeitos, possibilitou uma abertura da compreensão da história através do diálogo com outras áreas do conhecimento, inclusive com a própria literatura. Com isso, no reconhecimento da contribuição de outros saberes, entende-se que o historiador faz uso do elemento imaginativo para criar o seu enredo no relato dos fatos, organizando uma estrutura de texto e trabalhando com uma linguagem capazes de dar conta da sua interpretação do passado, o que demarca – não tem como ser diferente – a sua interferência no registro dos acontecimentos. Esse aspecto ressalta uma questão ideológica na composição do discurso histórico, pois o historiador procurará dar sentido aos fatos a partir do seu olhar, da sua compreensão do que seja a realidade. Ou seja, aponta uma significação própria para os eventos que marcaram o passado.

Sob essas considerações, podemos observar que a divergência entre os relatos de autoria brasileira disseminados nos jornais *Diário do Rio Grande*, *O Commercial* e *Echo Jaguareense* e os registros dos uruguaios Daniel Cerro Curcho, Washington Benavides e Alfredo Castellanos que destacamos acima refletem posições que buscam sustentar os seus interesses, defendendo ideais que construíram heroicidades daqueles que participaram do evento do dia 27 de janeiro de 1865, seja lutando de um lado ou de outro.

2.2 Heroicidades

Não são poucas as menções a heroísmos daqueles que participaram nos embates em Jaguarão no histórico dia 27 de janeiro de 1865. O jornal *O Commercial*, ressaltando a valentia dos brasileiros, aponta que “*bravos* [...] guarneciam os cantões das avenidas, por onde se apresentavam os ladrões” e que “algumas guerrilhas de cavalaria se portaram com todo o *heroísmo*” (SOARES, 2015, p. 71), uma vez que “a *bravura* e o *denodo* caracterizam o soldado brasileiro” (SOARES, 2015, p. 70); e o *Diário do Rio Grande* destaca que “tivemos bastante

patriotismo e coragem” (SOARES, 2015, p. 97). Nas palavras que grifamos nessas citações, percebe-se, portanto, que o discurso dos jornais enfoca a grandeza e o orgulho daqueles feitos.

Já Raúl Vallarino, que escreve o texto de abertura da “Agenda Blanca”, do uruguaio Daniel Cerro Curcho, fala de um “pasado heroico” dos seus correligionários. Desta forma, independente do lado vencedor ou vencido na batalha, o fato gerou a criação de mitos e heróis que, desde então e ainda hoje, são reverenciados através de relatos que buscam cimentar suas versões heroicas.

Consagrações como essas acontecem porque “[...] figuras heroicas muchas veces nos ayudan a despertar el heroísmo que anida en cada uno de nosotros” – explica Hugo Francisco Bauzá –, assinalando que “[...] todas las sociedades – cultas e incultas – han dado muestras de necesitar héroes o ídolos” (BAUZÁ, 2007, p. 123) com o propósito de despertar coragem, valor e caráter. Monumentalizados, os heróis constroem um modelo a ser cultuado, pois, como confere Thomas Carlyle, eles

[...] foram os modeladores, padrões e, em sentido amplo, criadores de tudo o que a massa geral dos homens imaginou fazer ou atingir; todas as coisas que nós vemos efetuadas no mundo são propriamente o resultado material externo, a realização prática e a incorporação dos pensamentos que habitam nos grandes homens mandados ao mundo: a alma de toda a história universal, pode justamente considerar-se, seria a história destes. (CARLYLE, 1963, p. 9).

Dessa forma, em uma concepção clássica, como a que apresentamos nessa citação do pensador escocês, as heroicidades constroem pilares para a história. Sob essa compreensão, pela resistência da população no embate com os blancos uruguaiois, o governo imperial brasileiro concedeu a Jaguarão o título de “cidade heroica”.

Vale lembrar que o motivo do ataque dos invasores está relacionado ao cerco sofrido por Paysandú, como relatado anteriormente, cidade esta que também ostenta, no Uruguai, a mesma honraria de “ciudad heroica” pela sua defesa às investidas dos seus inimigos, entre eles as tropas imperiais brasileiras, formadas com alguns batalhões constituídos por jaguarenses.

A memória dos feitos, tanto em Paysandú quanto em Jaguarão, esforça-se por ressaltar a bravura de seus heróis através de relatos como os que apontamos por meio dos jornais *O Comecial*, *Diário do Rio Grande* e *Echo Jaguarense* e dos uruguaiois *Agenda Blanca*, *Wikia Uruguay* e do texto do historiador Alfredo Castellanos. Também a literatura tem se dedicado a trabalhar com esse tema. Assim, lendas e relatos poéticos engrandecem epopeias, seja por meio de transmissão oral ou pela publicação de narrativas literárias. No Uruguai, obras como *La defensa de Paysandú*, de Orlando Ribero, fazem o destaque das heroicidades daqueles que lutaram contra o ataque dos invasores à cidade do norte uruguaio. Por outro lado, o escritor Mario Delgado Aparain, em *No robarás las botas de los muertos*, não valoriza a construção de

figuras heroicas, pois apresenta de forma crítica os motivos e os desdobramentos da guerra entre blancos e colorados.

No caso do 27 de janeiro de 1865 em Jaguarão, igualmente existem obras literárias que discutem as batalhas daquele dia sob diferentes enfoques. Se, por um lado, encontramos os engrandecimentos heroicos tal como proferidos nos jornais daquele tempo, também temos outros textos em que a representação de heróis é questionada e até contestada.

3 REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO 27

Para analisar diferentes enfoques literários sobre o fato histórico do dia 27 de janeiro de 1865, foram selecionadas três obras de gêneros diversos e com perspectivas que divergem entre si. Assim, se em “Gente guapa”, poema épico de Santos, o tropeiro – pseudônimo de Léo Santos Brum – encontramos versos que, “com legítima ufanía, ostentam em sua história um brasão de glórias como Jaguarão”, conforme Hermes Pintos Affonso escreve no prefácio do livro, na peça teatral “27 de janeiro ou Os blancos em Jaguarão”, de Lobo da Costa, predomina uma sátira entre a repulsa ou a submissão aos invasores da cidade. Já no conto “Dom Sejanés”, de Aldyr Garcia Schlee, não há uma defesa e um orgulho, mas sim uma crítica àqueles que defendem nacionalidades sem o reconhecimento do outro na conformação da sua identidade.

3.1 *Gente guapa*: poema épico dos heroicos jaguarenses

É possível considerar que o mais relevante fato histórico de Jaguarão tenha sido a defesa da cidade à invasão dos uruguaio do partido Blanco na data do dia 27 de janeiro de 1865. Essa resistência foi reconhecida pelo Império brasileiro agraciando Jaguarão com o título de “Cidade heroica”, homenagem que tem se perpetuado no orgulho dos seus habitantes. Portanto, na ocasião do centenário desse acontecimento, parece natural que houvesse comemorações “com legítima ufanía” – tal como definiu Hermes Pintos Affonso – para mostrar as glórias conquistadas com “bravura” e “destemor”. Essas qualidades empregadas por Affonso no texto do seu prefácio ao poema *Gente guapa* dão a dimensão do caráter épico da obra de Léo Santos Brum, que assina o seu livro com o pseudônimo de Santos, o tropeiro.

A identificação de *Gente guapa* como poema épico pode ser entendida a partir da intenção do autor de ressaltar a grandiosidade do feito, pois, conforme define Massoud Moisés, o “épico exprime [...] ações às quais atribuímos o caráter de grandeza” (MOISÉS, 2003, p. 239). Além disso, ainda de acordo com o crítico literário, no épico o “fundamento é o passado”, onde ele está mergulhado de forma fixa e imóvel, ou seja, o épico “divisa os seres e as coisas como estáticos (figuras), num tempo transcorrido que permanece” (MOISÉS, 2003, p. 241). Assim, um século após a luta entre os jaguarenses e os uruguaio blancos, o poema de Santos, o tropeiro demarca um tempo e um espaço através de façanhas heroicas que simbolizam uma imortalidade.

Para tanto, o poeta estruturou *Gente guapa* em dez partes – dez cantos – e mais um texto inicial, intitulado “Diz a história”, que apresenta o contexto histórico que provocou o ataque a Jaguarão. Cada um dos cantos possui uma constituição inteira, como início, meio e fim, onde o título e a epígrafe complementam o enredo. Além disso, a(s) última(s) palavra(s) de cada canto repete(m) a(s) palavra(s) do título, construindo a imagem de um círculo que se encerra a cada

canto. Massoud Moisés, apoiado em afirmações citadas a partir de Emil Staiger, diz que esse tipo de composição é própria do poema épico, pois é o “princípio da adição que constitui o verdadeiro princípio da composição épica” (MOISÉS, 2003, p. 241). Isto é:

[...] o épico arquiteta seu poema como uma soma de figuras em ação, ação essa ocorrida dentro da mente ou fora dela (ação interna e ação externa). Tal circunstância, que provém do fato de o épico visualizar o passado como uma sequência de pontos fixos, explica que os poemas épicos apresentem “partes” ou “secções” mais ou menos independentes, de modo que até “os versos isolados podem ser considerados como frações autônomas” [...]. (MOISÉS, 2003, p. 241).

Os dez cantos de *Gente guapa* apresentam de forma cronológica a evolução dos acontecimentos do dia 27 de janeiro de 1865. O primeiro deles, “Verão...”, traz uma citação do escritor Vargas Neto que diz: “Um guaipeca, deitado aos pés de um peão erra bocadas nas moscas, estalando os dentes” (SANTOS, 1965, p. 15). Essa epígrafe serve para tematizar a geografia e o calor, descrevendo um ambiente de tranquilidade e monotonia típico de um povoado interiorano e que, provavelmente, era o que se vivia nos dias que antecederam o embate. Os únicos movimentos apresentados são aqueles do cotidiano do lugar. Assim, a primeira estrofe anuncia:

Corre manso o Jaguarão,
atalhado para a barra...
Com música de cigarra,
Tocadas por vento norte,
bailam maduras flechilhas,
enquanto torra as coxilhas
um mormaço de sol forte... (SANTOS, 1965, p. 17).

As ações mais bruscas são representadas pela própria natureza, quando “Picada pela motuca,/gadaria foge sem rumo...” (SANTOS, 1965, p. 17) ou “uma cruzeira bombeia,/p’ra atirar no que rodeia/malevo bote certo!” (SANTOS, 1965, p. 17). Nas imagens de “Verão...”, o que predomina é o clima quente do dia, o que já anuncia que a temperatura seria alta.

O canto seguinte apresenta no título e na sua epígrafe o contexto político daquele momento vivido na fronteira entre Brasil e Uruguai. “Sessenta e cinco...” refere-se ao ano posterior às frustradas negociações diplomáticas do ano de 1864, quando o Império brasileiro e o governo uruguaio apresentaram um ao outro suas queixas de abusos e violências que estariam sendo cometidos nas estâncias localizadas no norte do Uruguai. A citação de texto de Pedro Calmon que Santos, o tropeiro introduz o canto aparece como informação do lado assumido pelo Brasil na guerra civil da nação vizinha, apoiando o partido político da oposição: “Legalizou o auxílio aos colorados proclamando, em circular ao corpo diplomático, o reconhecimento da beligerância” (SANTOS, 1965, p. 19). Esse ato provocou uma tensão na fronteira, preocupação que é revelada nos versos do canto, como nesta estrofe que destacamos:

que nem zum-zum de mosca
 no silêncio do meio-dia,
 de boca em boca havia
 um sussurro meio nervoso,
 porque na Banda Oriental,
 davam cartada final
 num bate ferro horroroso (SANTOS, 1965, p. 21).

Na sequência, o canto “Janeiro...” contextualiza e aprofunda a angústia da população de Jaguarão, uma vez que seus habitantes já visualizavam a concretização de um ataque. Na epígrafe, aparece um fragmento da carta que o coronel Manoel Pereira Vargas havia enviado ao governo imperial brasileiro, solicitando reforço para defender a fronteira, pois sabia de um “[...] movimento de forças crescidas dos blancos, que se aproximavam [...]” (SANTOS, 1965, p. 23). Conforme ressaltam os versos de Santos, o tropeiro, havia notícias de “forças que se avizinham,/que a intenção já tinham/de atacar por estes flancos.”. Cabe ressaltar que Manoel Pereira Vargas é o único autor das epígrafes citadas em *Gente guapa* que participou das escaramuças do 27 de janeiro de 1865, o que reforça a construção do papel heroico que assumiu nesse acontecimento. Todos os demais autores dos fragmentos utilizados nas epígrafes ou são escritores ou historiadores.

No mesmo canto, conhecidos e destemidos caudilhos Blancos são nomeados, evidenciando o perigo que rondava a cidade:

Eram Timóteo e Muñoz
 com milícia bem armada,
 que p’ra cá vinha mandada
 dar um golpe derradeiro (SANTOS, 1965, p. 25).

Nos títulos dos cantos que estruturam *Gente guapa*, Santos, o tropeiro enfoca o temor dos jaguarenses naqueles dias, buscando dar precisão através de uma espécie de um *zoom* temporal, uma vez que, depois de “Verão...”, “Sessenta e cinco...” e “Janeiro...”, o canto que segue chama-se “Vinte e sete...”. As reticências dos títulos enfatizam expectativas, e a exatidão e a concentração do afunilamento temporal conduzem o leitor a uma ansiedade e até a uma preocupação em relação aos acontecimentos que seriam apresentados, pois a fronteira estava desguarnecida:

Que nem jaguar acuado
 por cachorrada tigreira,
 o comando da fronteira
 tinha mui pouco cartucho
 e apelava pr’o Governo,
 preparando-se neste ermo
 para aguentar o repucho [sic]! (SANTOS, 1965, p. 29).

A comparação da população da cidade de Jaguarão a um jaguar é óbvia, ainda mais porque a falta de combatentes e de munição que o verso “tinha mui pouco cartucho” expressa

expõe a apreensão dos defensores da cidade, porém eles se mostram fortes e valentes e com disposição “para aguentar o repucho [sic]!”; já conferir os uruguaio blancos a uma cachorrada tigreira denota uma depreciação explícita. Na estrofe seguinte, o ânimo da valentia é reforçado:

A população não teme
o perigo do agressor
- nem mesmo havendo traidor! –
e na coragem se irmana
sexos com raças e idades,
duplicando atividades
com energia desumana! (SANTOS, 1965, p. 29).

Ao indicar a existência de “traidor”, afirma que alguns moradores da cidade seriam infiltrados partidários dos agressores, mas, por outro lado, a união de homens, mulheres, jovens, idosos, conterrâneos e também imigrantes superaria suas debilidades e os faria invencíveis. A expectativa do confronto e a edificação daquele comandante que seria símbolo da heroicidade são reforçadas nos últimos versos desse canto: “vê Manoel Pereira Vargas,/que amanhece o vinte e sete!” (SANTOS, 1965, p. 29).

O início dos enfrentamentos se relata em “Escaramuça...”, colocando fim ao que eram somente expectativas para mostrar os fatos que descrevem os confrontos. Para isso, relata-se o episódio em que o Comendador Barbosa, em um ímpeto de bravura, lança-se sobre os invasores do partido Blanco, fazendo-os de “blanco”, ou seja, alvos da sua mira:

e o Comendador Barbosa
naquela tensão nervosa,
homem de tiro certo,

vai errando detonações,
seguindo o “blanco” ginete (SANTOS, 1965, p. 33).

Repelidos pelas trincheiras armadas nas ruas e pelos disparos de defesa, os agressores não puderam adentrar na cidade, como destaca “Sítio da praça...”:

Esbarrou o trovão de cascos,
num relâmpago mortal!
Foi a soldadesca oriental
que já dentro do povoado
deu de peito nas trincheiras,
pois por clavinas certas
foi o inimigo rechaçado! (SANTOS, 1965, p. 37).

Destacando a bravura dos defensores, o canto aponta para o cerco que Jaguarão passou a sofrer, o que dilatava a apreensão daqueles que estavam sendo atacados:

Eram forças desiguais
numa porfiada guerreira,
jogando sobre a fronteira
coragem e brio da raça.
Ficam os “blancos” rodeando
por bem longe e vão formando
o grande sítio da praça. (SANTOS, 1965, p. 37).

Em “Intimação...”, comenta-se sobre as investidas dos Blancos à zona da campanha ao redor da cidade:

lá fora são cometidos
 desatinos de invasor!
 Residências arrombadas.
 tropilhas são repontadas
 como troféus de vitória! (SANTOS, 1965, p. 41).

Acreditando na sua superioridade, ainda em “Intimação...”, os invasores pressionam por uma rendição, o que é negado pelo comandante da defesa de Jaguarão, como aparece em “Combate...”:

E como sentença de morte
 queria uma rendição
 – que bárbaro pensamento –
 e mandou seu parlamento
 com essa dura intimação. (SANTOS, 1965, p. 41).

[...]

“Pode continuar o ataque
 pois não se rende a cidade!”
 Resposta de heroicidade
 dum comando de arrojados,
 de quem defende seu chão,
 sem aflochar o garrão
 p’ra não serem despojados. (SANTOS, 1965, p. 45).

“Combate...” também aponta, apelando a um valor do gaúcho, o enfrentamento que se seguiu, havendo luta com todas as armas:

nas guelas escancaradas
 do canhão e do fuzil...
 A bravura e a fúria hostil
 embriagam-se no arrebate,
 saindo de sable e garrucha
 esta flor da cepa gaúcha
 ao inimigo dar combate! (SANTOS, 1965, p. 45).

Cabe destacar que autor de *Gente guapa*, ao denominar o jaguareense como “esta flor da cepa gaúcha”, deseja mostrar que o gaúcho que habita o sul do Brasil é um povo forte e que tem bravura, enquanto que os blancos uruguaios, embora também sejam *gauchos*, são apontados como hostis. Ressalta-se assim que Santos, o tropeiro procura distinguir os povos, porém suas próprias palavras indicam uma mescla fronteiriça, tal como no seu termo “sable” e no neologismo “aflochar”, por exemplo, que apareceram em versos acima, o que mostra um entrelaçamento linguístico entre português e espanhol.

Na sequência dos cantos de *Gente guapa*, tem-se “Vitória...”, que faz menção aos bombardeios da canhoneiras Apa e Cachoeira, que, das margens do rio Jaguarão, alvejavam o inimigo:

Vibra a guarnição fronteira
Junto do “Apa” e “Cachoeira” (SANTOS, 1965, p. 49).

O canto traz o triunfo daqueles que se defenderam em uma “Linda e heroica resistência...”:

O pago defendeu a honra
naquela angustiada hora
e a alegria também chora
nos clamores da memória,
trazendo numa lufada:
lanças, fuzis, poncho e espada
em panóplia de vitória! (SANTOS, 1965, p. 49).

O epílogo de *Gente guapa* ressalta o discurso da história que ficou e que vem sendo estimado até os dias de hoje de uma maneira ufanista, tal como aparece nos versos:

é p’r’os filhos da querência
o seu hino de patriotismo,
misturando em sua lembrança
velhos tentos dessa trança,
que é o avoengo civismo. (SANTOS, 1965, p. 53).

A forma épica que Santos, o tropeiro estruturou o seu poema serve como narrativa para contar os feitos da data histórica do dia 27 de janeiro de 1865. Pelo prólogo, tem-se a impressão de uma rotina tranquila e sem percalços em uma pacata Jaguarão, onde seus cidadãos vivem em apaziguante harmonia. Porém os distúrbios presentes no Uruguai trazem preocupação e temor, pois a invasão da cidade torna-se iminente. Desse conflito advém o núcleo do poema, que é a demonstração da coragem da população, essência que é mostrada no caráter heroico dos seus versos.

Ao destacar a bravura do coronel Manoel Pereira Vargas, ressaltando o seu heroísmo na difícil missão de organizar a defesa da cidade basicamente apenas com o brio da própria população, *Gente guapa* reforça a construção de façanhas extraordinárias. Dessa forma, o texto contribui para que se afirme e se enalteça até os dias de hoje o orgulho dos jaguarenses na defesa da fronteira.

3.2 *27 de janeiro ou Os blancos em Jaguarão*: drama que satiriza os heroicos jaguarenses

No ano de 2010, foi publicada uma obra teatral inédita do poeta e dramaturgo Francisco Lobo da Costa. Esse texto faz parte de *Lobo da Costa em Jaguarão*, livro organizado por Eduardo Álvares de Souza Soares, a quem lhe foi entregue uma transcrição manuscrita de *27 de janeiro ou Os Blancos em Jaguarão*, de autoria do escritor pelotense.

Como o próprio título anuncia, essa peça traz o contexto histórico do ataque sofrido por Jaguarão por parte de uruguaios do partido de Anastasio Aguirre, o presidente do país republicano em 1865. Na primeira parte do seu livro, Eduardo Álvares Souza de Soares relata que a motivação de Lobo da Costa para escrever a sua obra teatral surgiu no período em que o escritor esteve morando em Jaguarão, no ano de 1879. Teria sido nessa época que o autor escreveu a peça, que chegou a ter a sua estreia anunciada, mas, por diferentes motivos, foi sistematicamente adiada, acabando por nunca ter sido apresentada.

A identificação de *27 de janeiro ou Os Blancos em Jaguarão* como um drama satírico não é unânime. O cartaz que anunciava a apresentação da peça, em 1880, dizia tratar-se de um drama; por outro lado, no livro de Eduardo Álvares de Souza Soares o texto é apresentado como uma comédia-drama. Segundo Vanessa Ribeiro Brandão (2018), um dos motivos para o pouco conhecimento do drama satírico é porque na *Poética*, de Aristóteles, não existe menção explícita a esse gênero. A mesma pesquisadora indica que o drama satírico foi uma manifestação teatral própria da Grécia Antiga – junto com a comédia e a tragédia –, tendo surgido ao redor do século VI a.C. e, por volta do século seguinte, teve sua fase mais importante, fazendo parte dos festivais das Grandes Dionísias, que aconteciam em Atenas. Nesses eventos, eram apresentados por cada competidor um conjunto de três tragédias e uma quarta obra que deveria ser um drama satírico, funcionando este como um alívio cômico para distensionar o drama que apresentavam as tragédias.

Como características, o drama satírico possui um tema mítico, um tratamento burlesco e a presença de um coro de sátiros, formado por seres metade homem e metade animal. Esses elementos, de certa forma, podem ser encontrados sob contornos similares na obra de Lobo da Costa, pois, vejamos: a memória do dia 27 de janeiro pode ser reconhecida como um mito local de Jaguarão, haja vista que, nos dias atuais, é sobretudo uma narrativa oral que enaltece um orgulho do qual grande parte da população já não conhece a origem e muitos relatos acabam sendo fantasiosos, distorcendo ou desfazendo o fato histórico para criar uma heroicidade mítica. Já o burlesco em *27 de janeiro ou Os Blancos em Jaguarão* é evidente, já que as personagens da obra são representações caricatas de sujeitos que participaram daquele acontecimento de 1865, como, por exemplo, a descrição que Lobo da Costa dá a Bernabé na primeira aparição

dessa personagem na peça: “(entrando ridiculamente vestido, com alto cantimplora, altos colarinhos etc.)” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 80). Os disfarces das personagens Arthur e Maricota também justificam elementos burlescos, pois não são reconhecidas por Bernabé quando sua filha aparece em trajes masculinos na intenção de estar na linha de frente da batalha, junto com o seu amado; e este, por sua vez, tampouco é distinguido pelo pai da moça nas ocasiões em que se veste de oficial castelhano blanco.

Por fim, a caturrita que faz parte da obra teatral pode ter sua função identificada como a do coro dos textos da antiga Grécia, já que possui intervenções que ajudam a conduzir a construção de conflitos e, ao mesmo tempo, da abordagem cômica. É ela que, em momentos cruciais de tensão de Bernabé, traz a fala “Olha os blancos”, o que amedronta o sapateiro e traz, à peça, a natureza do ridículo e, com isso, traços cômicos.

Diferente do gênero comédia, o drama satírico trabalha com o riso associado a uma expressão trágica e, nessa condição, é possível compreendê-lo como um gênero intertextual, por fazer referência a mitos; e também um gênero híbrido, já que mescla personagens nobres e baixos e figuras heroicas e satíricas (BRANDÃO, 2012), além de apresentar cenários de ambiente urbano e rural. Para Brandão, partindo de uma ideia de Seaford, o drama satírico é uma “peça que retrata o ridículo, divertimento teatral, “[n]a sua obscenidade, hilaridade e finais felizes, o drama satírico lembra a comédia” (BRANDÃO, 2012, p. 107).

Uma das principais características do drama satírico é um forte enfoque crítico a instituições políticas, ou morais ou de costumes. No caso específico da obra *27 de janeiro ou Os Blancos em Jaguarão*, é possível identificar a crítica que se faz através do sapateiro Bernabé, personagem que pode ser identificado como parte de uma certa classe social, ou seja, um comerciante com um ofício definido e que ocupava uma posição reconhecida na sociedade. Por se opor ao relacionamento entre sua filha Maricota e Arthur, este jovem chega a definir o sapateiro como um tirano: “É três vezes pior que todos esses quadrilheiros de Aguirre, que ameaçam a fronteira!” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 78). A atuação de Bernabé demonstra até mais do que isso, pois se mostra covarde, mentiroso e interesseiro. Suas falhas de caráter, portanto, são várias. Longe das escaramuças, quer parecer um valentão, no entanto, quando a situação fica mais acirrada, revela-se um medroso. Nas primeiras intervenções de Bernabé na peça, essa personagem, falando com sua filha, já se coloca a si mesma como um grande estrategista para organizar a defesa de Jaguarão, porém são discursos fantasiosos para engrandecer-se. Diz ele: “Lá deixei toda aquela gente de boca aberta... era uma algazarra que ninguém se entendia; planos daqui planos d’acolá... e afinal de contas se não chego eu para salvar a situação ia tudo águas abaixo.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 80). E ainda:

“[...] nas bochechas de todos disse: Senhor Coronel Vargas, se V. Sa. me dá licença, darei um plano de batalha.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 80). No entanto, quando se sente ameaçado, a postura de Bernabé é bem outra. Ao se deparar com o oficial castelhano (o disfarce de Arthur), o que faz, no lugar de enfrentá-lo, é submeter-se às ordens do estrangeiro: “*Para servir a usted*, meu oficial.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 84). E também: “À gosto, à gosto, meu guerreiro... [...]. [A parte] é melhor estarmos bem com este diabo... vamos ver se me dá tempo de mudar umas ceroulas.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 85). Nítido está que Bernabé tremia de medo, chegando a afrouxar o seu intestino. Demonstrações de que se assustava com facilidade também são recorrentes na obra, seja com estrondos que escuta ou mesmo com inimigos imaginários, o que o faz querer se esconder em uma pipa:

Bernabé

Largue-me, senão eu grito! Me deixe, seu castelhano! Já estou com uma bala aqui... aqui... (apalpando e olhando). Como! Ninguém? (Olhando para fora). Ah! Maldito cachorro, que me pregaste um susto!... (Nova descarga e alarido, vivas etc.). Sim? Não é com essas que me pulham lá. (Vai a entrar na pipa, o capataz põe a cabeça de fora e soltam ambos um grito de terror).

O Capataz (com cara de tolo)

Entre para cá que cabemos ambos os dois. (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 100).

Nessa cena, a personagem O Capataz, também com medo, já havia encontrado um refúgio, o mesmo lugar pensado por Bernabé para se esconder.

Na perspectiva de Arthur, o jovem enamorado de Maricota, filha do sapateiro, Bernabé é também um cruel, pois este não permite que ele e Maricota se casem, apesar da luta do jovem para ser aceito. Assim, em diálogo com Maricota, Arthur se queixa daquele que poderia ser seu sogro: “Olha! Tudo tenho feito para merecer as boas graças de teu velho. É um vão. Teu pai é um serrazina... um tirano!” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 78). Lamenta que o seu esforço não seja reconhecido:

Arthur

Tenho suportado o que humanamente se pode suportar. Pedi a tua mão. Respondeu-me que fosse trabalhar, que fosse me empregar; empreguei-me, como bem viste, a médio metros de chita, em um armarinho, coisa para que não nasce. Mais tarde achou ele que os pingues ordenados de um caixeiro não chegavam para sustentar uma mulher.

[...]

Não contente com isso, faz-me andar de Herodes para Pilatos no sentido de granjear algum pecúlio. Fui músico, tipógrafo, alfaiate, serralheiro... só me faltou ser sacristão e ir tocar o sino da matriz. (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 78).

Com a ameaça da invasão dos brancos, Arthur vê a oportunidade de criar uma forma de realizar o seu sonho: “**Arthur**: Que ideia! Não se diz por aí que vai ser atacada esta cidade por

forças armadas, que os *blancos* estão próximos de Jaguarão?” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 79). Dessa maneira, o que aprofunda o caráter burlesco da obra teatral, Arthur, através de um disfarce, se faz passar por um oficial blanco. Para convencer e dar veracidade na sua simulação, conta com a participação da caturrita da casa do sapateiro, que é instruída a repetir a fala “Olha os blancos”. Com isso, o jovem Arthur monta um plano para persuadir o assustado Bernabé.

A aparição de Arthur disfarçado de oficial blanco acontece exatamente no momento em que Bernabé está, mais uma vez, alardeando bravatas na frente de sua filha, porém longe do eminente perigo da invasão dos blancos:

Bernabé (voltando, armado de grosso varapau com uma baioneta à ponta)
Que venham todos os tiranos do mundo, desde César até o grande Bonaparte que deu leis em toda parte do hemisfério, para ver se não pára no cemitério.

[...]

E se ficares órfã, ao menos tens o consolo de declarar perante os séculos: “sou a filha de um herói que morreu no campo de batalha coberto de louros”, porque o meu nome há de ir à história do Brasil ombreando com tantos vultos... [...] Ah! Que feliz seria eu se viesse agora um blanco.

Arthur (entra disfarçado de um oficial castelhano)
Para servir a usted, caballero.

Bernabé
Ui! Pelas santíssimas chagas (encolhendo-se). Boa tarde, senhor oficial. Determina alguma coisa que lhe dê gosto (muito humilde)? (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010 p. 82-83).

A astúcia de Arthur foi aproveitar-se do medo de Bernabé para que, com uma proposta ameaçadora, o sapateiro cedesse e permitisse o casamento de sua filha: “**Arthur:** *Yo le propongo, pues: o se bate en duelo con mi persona o me concede la mano de su hija tan hermosa.*” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 84).

Nesse momento, exercendo a função dos coros dos antigos dramas satíricos gregos, que contribuía na condução e explicação dos acontecimentos, a caturrita intervém para reforçar a ameaça da invasão de Jaguarão: “**Caturrita:** Olha os blancos”. Essa fala da caturrita, que vai sendo repetida com insistência em diferentes passagens, acentua o crescente temor do sapateiro, que acaba por permitir que sua filha se case com o oficial. Longe de ser um gesto de candura, a aprovação de Bernabé demonstra, além da sua covardia e medo, um interesse pessoal em caso da vitória dos blancos na iminente investida de invasão a Jaguarão.

Reforçando sua esperteza, Arthur, ainda disfarçado, diz para Bernabé que, caso não sobreviva no combate, que Maricota deveria se casar com o seu filho, Arthur de Magalhães:

Arthur: Yo nesta ciudad tengo un hijo que es el único consuelo de mi tierna existencia. Fructo de error con cierta muchacha de Yaguarón. Quisiera que usted lo uniera a su niña, cierto que es mi heredero de todos los bienes que poseo.

Bernabé: Muito bem, meu valente! E o que mais? Como se chama o rapazola?

Arthur: Llámase Arthur de Magalhães, es brasileño nato y reside em esta ciudad. (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 95).

Com relação à personagem de Maricota, é possível reconhecê-la como a grande protagonista da obra, pois a constante demonstração de sua ética e a coragem decisiva que apresenta em momento crucial expressam o seu caráter. Além disso, é em função dela que a trama se desenrola, ou seja, o conflito de *27 de janeiro ou Os blancos em Jaguarão* – apesar do ambiente criado por Lobo da Costa ter como tema o ataque dos castelhanos na fronteira – se centra na oposição de Bernabé ao seu romance com Arthur.

Em um primeiro momento, a atitude de Arthur diante da tensão vivida pelo jovem casal de apaixonados é abandonar a sua amada, partindo para viver na corte, no Rio de Janeiro, deixando Maricota só e abandonada. Porém a atitude da moça é agarrar-se e empregar suas forças a crenças religiosas: “**Maricota** (só): E dizem que quando se pede a Deus com toda a devoção, Ele nos ouve e consola. Tenho rezado tanto e tanto; tenho chorado para que o Arthur desista da sua viagem.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 77). Essa personagem, a todo momento, lamenta o sofrimento do namorado, sentindo-se como responsável pela tristeza do jovem: “[...] é por minha causa que ele sofre tanto!” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 77); “Tudo por minha causa” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 78); “Pobre, Arthur, como tens sofrido!” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 79); “Pobre moço, como me ama e como se te sacrificado por este amor [...]” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 80) e “Arthur, coitado, sempre leal e constante” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 90). Mesmo assim, demonstrando o seu caráter digno, não demanda sacrifícios por parte de Arthur: “Eu não exigi nada.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 78).

Ao mesmo tempo, também mantém afeição por seu pai, apesar dele ser contra seu relacionamento com Arthur. Maricota manifesta seu desacordo com os xingamentos proferidos pelo rapaz com respeito a Bernabé:

Arthur

[...] Teu pai é um serrazina... um tirano! É três mil vezes pior que todos esses quadrilheiros de Aguirre, que ameaçam a fronteira! É um...

Maricota

Basta, Arthur. Deves lembrar-te que é meu pai... (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 78).

A moça também se mostra muito preocupada quando Bernabé afirma que pretende enfrentar os invasores de Jaguarão: “Eu o que não quero é que vosmecê arrisque a sua vida.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 86). Da mesma forma, ela igualmente fica angustiada com o perigo que corre Arthur por ele também estar envolvido no conflito, seja disfarçado para ganhar a confiança do seu futuro sogro, seja quando ele se incorpora à frente

de batalha: “Arthur, olha que te aventuras a muito!” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 90).

Ela mesma acaba por se disfarçar para, junto de Arthur, defender a sua cidade: “Nesta conjuntura, tomei estes trajos de rapaz e eis-me pronta a combater, se for preciso, pela honra e pela dignidade de minha terra, ao lado de Arthur!” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 99). E é dessa forma que ela se destaca por sua coragem e destemor, atuando de maneira decisiva na luta contra os blancos invasores:

Maricota (entra, arrebatada, com as vestes cheias de sangue e cai de joelhos no meio da cena): Glória a Deus!
Arthur (em seguida, empunhando o estandarte brasileiro, acompanhado de povo)
 Eis, salvo, o estandarte da pátria! (Dirigindo-se a Maricota) Como! És tu! Foste tu quem se opôs quando o ferro inimigo caía sobre meu peito? [...] afrontaste a morte por amor e patriotismo. (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 100-101).

Na obra de Lobo da Costa, caberá a Maricota, a verdadeira heroína, declamar o enaltecido discurso final:

Maricota (no auge do maior entusiasmo, agitando o pavilhão)
 Brasileiros! Enchei-vos de vivo orgulho e soberano entusiasmo! Mostrastes que, apesar de esquecidos e abandonados pelo próprio governo, que nem armas vos deu para defesa, soubestes ser dignos do nome e das herdades de vossos avós!
 Levantai bem alto no coração um culto fervoroso à data deste dia: Ele nos lembrará que não se insulta um povo brioso [...]. (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 101).

Ao colocar Maricota como a principal protagonista de *27 de janeiro ou Os blancos em Jaguarão*, Lobo da Costa enfatiza uma crítica ao desprezo da sociedade pela participação da mulher no mundo, frequentemente relegada a um papel secundário. Nesse sentido, a peça configura-se como um drama satírico, já que, em meio a um tema de grande tensão, que foram os enfrentamentos ocorridos em Jaguarão no dia 27 de janeiro de 1865, o autor pelotense, em meio a situações cômicas e divertidas proporcionadas pelo medo e pela covardia de Bernabé, destaca o valor feminino através de Maricota por sua valentia, que não esmorece diante de um cenário assustador, seja em função da invasão dos blancos, seja pelos obstáculos ao seu casamento com Arthur.

3.3 Don Sejanos: conto que desconstrói os heroicos jaguarenses

Aldyr Garcia Schlee, escritor jaguarense nascido em 1934 e falecido em 2018, na sua produção literária, aborda com muita frequência temas que transitam entre as cidades de Jaguarão, no Brasil, e Rio Branco, no Uruguai. Porém, o espaço literário de sua obra se amplia

a um território fronteiriço maior, pois são constantes nos seus textos referências a lugares e personagens históricos de diferentes épocas.

Justamente esse cenário extenso é o que ambienta o enredo tratado por Schlee em “Don Sejanés”, conto presente em *Contos de sempre*, livro publicado em 1988. Essa diversidade de tempos e espaços presentes no conto se integram através do seu protagonista, personagem que “tinha como cem anos”, ou seja, ele viveu e presenciou muitos acontecimentos históricos que configuraram as fronteiras no pampa. O conto narra, pois, não apenas a trajetória de don Sejanés, mas também outra, a história da região fronteiriça do sul do Brasil e o Uruguai. Desse modo, tal como teorias do conto como gênero literário abordam, são duas histórias paralelas em que os elementos essenciais “tienen – conforme destaca o crítico Ricardo Piglia – doble función y son usados de manera distinta en cada una de las dos historias. Los puntos de cruce son el fundamento de la construcción.” (PIGLIA, 2001, p. 106). O confronto do dia 27 de janeiro de 1865, em Jaguarão, é um dos acontecimentos retratados nessa narrativa. Assim, a trama ficcional e o fato histórico se complementam, possibilitando compreender o embate daquele dia por uma perspectiva que se contrapõe ao heroísmo tradicionalmente difundido pelos jaguarenses.

Entre as várias passagens importantes para serem destacadas do conto, chama a atenção que “Seu pai [pai de don Sejanés], que era dos “campos neutrais”, andava pela fronteira vendendo coisas aos soldados e passando mercadorias quando houve a primeira guerra - a que não era para ter sido.” (SCHLEE, 1988, p. 27). Nesse trecho, é possível encontrar duas referências históricas que apontam para o que vem a ser a linha que, hoje, demarca o que é Brasil e o que é Uruguai. A primeira das referências tem a ver com o Tratado de Santo Ildefonso, assinado por Portugal e Espanha em 1777, que definia que a região fronteiriça entre o Taim e o Chuí das colônias desses países ibéricos não seria pertencente a nenhum deles, pois, até um acordo final para compreender o que seria território de um e de outro, esses campos seriam neutros; a outra referência traz a situação de 1801, quando, após um conflito entre as coroas na península Ibérica iniciado no mês de março e que, no mês de junho daquele ano, já teria se resolvido, a notícia daquelas hostilidades chegou com atraso neste lado do Atlântico, impulsionando os lusitanos, que já vinham avançando seus domínios progressivamente sobre os campos neutrais, a ocuparem territórios para além do rio Jaguarão. Assim, “O Cerro Largo foi ocupado por tropas portuguesas que levaram mais de dez mil reses, depois veio a notícia atrasada da paz, e todos os lugares voltaram ao de antes.” (SCHLEE, 1988, p. 27).

O caráter da mobilidade da linha que separava os territórios coloniais no sul da América conformou uma fronteira que, através do contato de diferentes povos, propiciou a formação de

uma cultura mestiça. Esse aspecto se revela, por exemplo, na identidade de don Sejanes, um sujeito nascido em Melo, Uruguai, mas registrado na freguesia de Jaguarão. Por isso, “ele não era nada. Nem castelhano. Mas muito menos português; porque brasileiro também não era.” (p. 27). Porém, “Sejanes sabia que era um pouco índio e espanhol e português, mas que era mais oriental e brasileiro, se tivesse que ser algo além de ser gaúcho como queria e gostava de ser e se acostumou a ser [...]” (SCHLEE, 1988, p. 28).

O sentimento de que pertencia a um território sem divisões estava introjetado em don Sejanes, que dizia: “[...] isto aqui é uma terra só [...]. Sempre foi uma terra só, desde os tempos da correria de gado, quando não tinha dono [...]” (SCHLEE, 1988, p. 29). Inclusive, não entendia e não aceitava que os campos pudessem ser delimitados por cercas, dividindo terras e definindo proprietários. Por isso rejeitou ser alambrador e também não participava de marcações de gado.

Suas ideias e atitudes não eram compreendidas pelos outros, que até “poderiam chamá-lo de louco” (SCHLEE, 1988, p. 30). No entanto, reconheciam a retidão de don Sejanes e o respeitavam, pois, não sendo empregado de ninguém, não se sujeitava a ser um mero serviçal e nem aceitava favores e ajuda “da graduação local”. Por isso, então, “Não era Sejanes só, o Sejanes, el Sejanes. Era mais” (SCHLEE, 1988, p. 28). Mas esse “mais” não era “seu Sejanes”, já que “seu” seria um “trato de escravo para senhor”. “Don” já era diferente, pois “don Sejanes era trato de respeito”.

O respeito a don Sejanes vinha até por parte dos caudilhos mais poderosos da região, tanto que ele chegava a conversar e tomar chimarrão com Frutuoso Rivera, que guerreou pela independência do Uruguai e foi seu primeiro presidente, ou com Bento Gonçalves, que lutou na revolução que instaurou a República Rio-Grandense.

A dignidade de don Sejanes estava em não temer nada, mesmo sendo um “índio desarmado de nem faca de picar fumo levar na cintura, de nem trabuco e tercerola ter de seus” (SCHLEE, 1988, p. 28). Mostrava seu enfrentamento ao não abaixar a cabeça, fosse para algum alferes ou capitão de milícias, ou mesmo para comandante ou general.

Por não pegar em armas para defender algum caudilho ou governo ou partido político ou, ainda, um império ou uma república, don Sejanes não participou das escaramuças do dia 27 de janeiro de 1865, em Jaguarão. Todos sabiam que covarde ele não era, então foi tachado de traidor, já que conhecia o líder dos invasores, o general Basilio Muñoz e, por isso, “Pode ser até que Basilio e don Sejanes tenham se reencontrado, se abraçado, e proseado, lembrando os vivos e os mortos” (SCHLEE, 1988, p. 30). Por supor que don Sejanes estaria defendendo a causa dos brancos, “veio um alferes ao rancho de don Sejanes com ordem para levá-lo ao

comandante” (SCHLEE, 1988, p. 31). O comandante, nessa ocasião, era o coronel Pereira Vargas, personagem que, nos dias de hoje, é reverenciado pelos jaguarenses por bravura e heroísmo, chegando a ser nome de escola na cidade. A resposta de don Sejanos a essa intimação do comandante, através de um subalterno, é significativa, pois ele disse: “Quem queira falar comigo que venha acá!” (SCHLEE, 1988, p. 31).

A atitude do protagonista desse conto de Aldyr Garcia Schlee representa um desmerecimento a construções heroicas, tal como o epíteto de “cidade heroica” ostentando por Jaguarão. É possível entender que, em “Don Sejanos”, há uma crítica àqueles que se vangloriam por defender patriotismos, não reconhecendo os valores daqueles que pensam diferente e tampouco percebendo que “la exaltación de lo propio es la denigración de lo ajeno, la voluntad de humillar y derrotar a los demás, a los que son diferentes [...] porque tienen otro color de piel, otra lengua, otro dios y hasta otra indumentaria y otra dieta.” (VARGAS LLOSA, 2011, p. 256).

Assim, sem heroísmos, “sem divisas e sem galonas”, don Sejanos, que “Não era caudilho. Muito menos doutor. Não era brasileiro; nem uruguaio. Não era nada.” (SCHLEE, 1988, p. 32), foi sempre íntegro no caráter e fiel nas suas convicções de desejar um território livre, sem divisas, sem donos, sem guerras e sem heróis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos literários analisados neste Trabalho de Conclusão de Curso trazem diferentes enfoques sobre o fato histórico do dia 27 de janeiro de 1865 em Jaguarão. Por um lado, há a reafirmação do discurso construído por notícias de jornais brasileiros do século XIX, com o orgulho do brio em relação às atuações da população da cidade que se defendeu com heroísmo. Porém, também foi possível verificar outras manifestações presentes na ficção, como a sátira a personagens que, querendo se dizer valentes e serem lembrados por suas glórias, no fim, mostraram-se sem coragem. Outro aspecto identificado é o desdém a um orgulho que, até hoje, é difundido por uma memória coletiva para a qual, na grande maioria das vezes, não corresponde um conhecimento daquilo que lhes dá honra.

Em *Gente guapa*, os versos de Santos, o tropeiro apresenta a estrutura de um poema épico, texto em que cada canto destaca a grandiosidade do cenário, dos heróis e dos enfrentamentos daquela data histórica. A descrição dos acontecimentos é feita na forma de uma divulgação dos episódios - o poema foi escrito para comemorar o centenário da batalha e, assim, ajudar na perpetuação do discurso heroico -, ressaltando nobreza e coragem de personagens que são, pode-se entender, mais idealizados do que propriamente da realidade. Assim, os “chasques”, os “bombeiros”, “os voluntários”, a população toda “não teme/o perigo do agressor”, afirma o poema, pois se empenham em esforços “com energia desumana”. Ali, no poema, o Comendador Barbosa tem “tiro certo”, e o comandante Coronel Pereira Vargas é arrojado e não afrouxa “o garrão”. Com isso, é conferido o valor de uma “flor da cepa gaúcha”, mantendo-se um discurso que, se por um lado mantém viva a lembrança da defesa da cidade, por outro cria o mito de uma epopeia em que a ênfase nos heroísmos e na coragem acaba por ocultar o conhecimento dos fatos históricos, pois a demonstração de uma “gaúcha tradição” “da macheza do rincão”, tão orgulhosamente repetida, não dá margem a outras interpretações e possibilidades de significação do acontecimento do dia 27 de janeiro de 1865.

A questão da tal “macheza” que o poema traz já estava presente nas notícias do século XIX, que menosprezam a figura feminina. O jornal *Diário do Rio Grande* do dia 6 de fevereiro de 1865 dizia que “Pelas 7 horas [do dia 27 de janeiro], ouviu-se por toda parte gritos, choros e lamentações. Era a população feminina que assim obrava.” (SOARES, 2015, p. 101). Também noticiou que “crianças, mulheres e alguns homens medrosos aglomeraram-se nos iates [...] que achavam-se atracados no nosso porto.” (SOARES, 2015, p. 101). Ao mesmo tempo em que não dão prestígio às ações de coragem das mulheres no combate (diferente do que apontam narrativas orais, como aquele mencionado pelo jornalista Carlos Rafael Guimaraens e que citamos na introdução deste trabalho), com muita frequência os relatos dos jornais destacam

figuras masculinas, como “o bravo Capitão Fortunato Vergara” e os “briosos chefes” e “que o Coronel Pereira Vargas portou-se como um valente”, por exemplo.

Porém, na peça teatral *27 de janeiro ou Os blancos em Jaguarão*, o dramaturgo Francisco Lobo da Costa aponta um posicionamento que vai de encontro às pretensões de heroicidades masculinas apregoadas no poema épico *Gente guapa*. Na obra do escritor pelotense, a personagem Bernabé representa o anseio daqueles “parlapatões” e “patriotas de língua”, como os denominou o jornal *Atalaia do Sul* em 25 de janeiro de 1865, pois, dizia o sapateiro, “meu nome há de ir à história do Brasil ombreando com tantos vultos...” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 83). Porém, além de ser um covarde, não titubeou em bajular o que imaginava ser um oficial blanco para, assim, proteger seus interesses, tal como denunciava o jornal *Echo Jaguareense* do dia 28 de janeiro de 1865, já que existiriam na cidade, “quiçá, entre nossas famílias” aqueles que, “com o único fim, talvez, de conservarem intactos seus bens, suas fortunas, suas vidas” (SOARES, 2015, p. 116), davam proteção aos invasores. A mesma personagem, que se vangloriava em um pretense e infundado protagonismo na defesa de Jaguarão, achava absurdo “que se armassem as mulheres para atacar os inimigos”. (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 80). E ironizava: “Fresca ideia. Lá com a língua eram elas capazes de derrotá-los.” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 80).

Pois o que Lobo da Costa valoriza é justamente a valentia e força feminina naquela luta, uma vez que é Maricota quem é decisiva para afugentar a investida dos blancos uruguaios. Pelo início da obra, não é difícil imaginar que Maricota seria uma moça frágil e indefesa, já que sente seu coração partido pelo receio de não ser possível viver o seu grande amor devido às contrariedades do seu pai com Arthur, o seu pretendente. Nessa impossibilidade, busca consolo em suas crenças: “E dizem que quando se pede a Deus com toda a devoção, Ele nos ouve e consola” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 77).

Porém, no desenvolvimento da trama, a personagem vai assumindo posições importantes, o que indica o seu crescimento na história para protagonizar o seu desfecho. Maricota, com a intenção de estar perto de Arthur no fronte de enfrentamento aos invasores, teve coragem para se disfarçar de rapaz e correr riscos por essa sua atitude no momento em que a situação estava difícil: “O velho assusta-se e foge deixando-me só. Nesta conjuntura, tomei estes trajes de rapaz eis-me pronta a combater, se for preciso, pela honra e pela dignidade de minha terra [...]. Julgam muitos que as mulheres são fracas e covardes!” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 99)

Ela enfrentou o perigo e foi decisiva para, “com as veste cheias de sangue” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 100), salvar Arthur e, de forma simbólica, os demais jaguarenses, além de levantar o estandarte da pátria, proclamando a vitória sobre os blancos.

Como último gesto de sua personagem, Lobo da Costa coloca na voz de Maricota a instituição das festividades da data histórica do dia 27 de janeiro: “Levantai bem alto no coração um culto fervoroso à data deste dia: Ele nos lembrará que não se insulta um povo brioso [...]” (LOBO DA COSTA *in* SOARES, 2010, p. 101).

Diferente do orgulho destacado em *Gente guapa* e diferente da coragem feminina presente na obra de Lobo da Costa, o conto “Don Sejanos” aponta uma reflexão sobre o dia 27 de janeiro por outros caminhos. A forma de agir da personagem dessa narrativa não confere nenhuma heroicidade em relação ao combate entre os blancos e os jaguarenses.

Ao situar don Sejanos, que “tinha como cem anos”, em um ambiente amplo no tempo e no espaço, Aldyr Garcia Schlee, junto a críticas às lutas entre brasileiros e uruguaios - o que, para don Sejanos, seriam um mesmo povo dentro de “uma terra só” -, expõe o acontecimento do dia 27 de janeiro de 1865 não de forma isolada, mas, sim, em um contexto constituído por toda a história da região.

Opondo-se a declarações das notícias dos jornais do século XIX, que conferiam, por exemplo, que “[...] nesta cidade alguns [blancos estariam] sob a proteção dos nossos mesmos patrícios” (SOARES, 2015, p. 116) e habitantes de Jaguarão que “não são por nós, logo são contra nós e, conseqüentemente, nossos encarniçados inimigos, e inimigos perigosos [...]” (SOARES, 2015, p. 98), o conto “Don Sejanos” enfatiza que desconfianças e visões estreitas não reconhecem possíveis integrações entre os habitantes de uma região fronteira.

Por essa razão, “Don Sejanos” traz uma lição, uma lição para ser desenvolvida nos estudos escolares: o dia 27 de janeiro de 1865 deve ser ensinado não como um fato histórico isolado. Ele pode ser desenvolvido junto com acontecimentos que envolvem o antes e o depois dessa data não só no território brasileiro, mas também com o Uruguai, sobretudo enfatizando que Paysandú, assim como Jaguarão, também ostenta o título de “cidade heroica”, porém em homenagem àqueles que seriam os inimigos da cidade brasileira.

Assim, ao invés de repetir e propagar grandiosidades e orgulhos heroicos daquele feito, como é realizado atualmente nos anos iniciais no desenvolvimento de conteúdos escolares sobre a história de Jaguarão, o mais produtivo para aprofundar conhecimentos sobre a data seria, talvez, incluir as mais variadas versões sobre o 27 de janeiro. Assim, o trabalho com os textos literários aqui analisados poderiam contribuir para enriquecer os estudos escolares do ensino

médio, possibilitando uma apropriação consistente da história não só de Jaguarão, mas também de toda a região da fronteira.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Hermes Pintos. Prefácio. *In*: SANTOS, o tropeiro. **Gente guapa**. [Jaguarão]: s/ed, 1965.

BATALLA de Yaguarón. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Batalla_de_Yaguar%C3%B3n. Acessado em: 16 jul. 2022.

BAUZÁ, Hugo Francisco. **El mito del héroe**. Morfología y semántica de la figura heroica. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

BERG, Edgardo H. Fronteras móviles: consideraciones acerca de la producción narrativa de “no ficción” en la Argentina. **Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas** – CELEHIS, Mar del Plata – Argentina, n. 4-5, p. 93-105, 1995.

BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. **O drama satírico**: gênero híbrido e intertextual. 2012. 130p. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. O drama satírico: gênero menos conhecido, mas mais divertido do teatro grego. **Revista Teatro**: criação e construção. Palmas-Tocantins, v. 6, n. 2, p. 92-99, dez. 2018.

CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. 2ª ed. Trad. de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

CASTELLANOS, Alfredo. **Timóteo Aparicio**: el caso de las lanzas. Montevidéo: Banda Oriental, 1977.

CURCHO, Daniel Cerro. 27 de enero. Disponível em: http://www.cepn.partidonacional.org.uy/wp-content/uploads/2017/05/Agenda_Blanca_opt.pdf. Acessado em: 15 jul. 2022.

DELGADO APARAÍN, Mario. **No robarás las botas de los muertos**. Montevidéo: Santillana, 2006.

ECHO Jaguareense. Jaguarão, ano 1, 28 jan. 1865.

GUIMARAENS, Carlos Rafael. No passado e no futuro. *In*: FRANCO, Sergio da Costa; SOARES, Eduardo Álvares de Souza. **Olhares sobre Jaguarão**. Porto Alegre, Evangraf, 2010. p. 137-138.

LOBO DA COSTA, Francisco. 27 de janeiro ou Os blancos em Jaguarão. *In*: SOARES, Eduardo Álvares de Souza. **Lobo da Costa em Jaguarão**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p. p. 76-101.

LOCKART, Washington. **Venancio Flores**: un caudillo trágico. Montevidéo: Banda Oriental, 1976.

MAESTRI, Mario. **O escravo no Rio Grande do Sul**: a charqueada e a gênese do

escravismo gaúcho. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1984.

MARCHA, Cuadernos de. Política de Brasil en Uruguay: La Misión Saraiva. Montevidéo, n. 62, jun. 1972.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

PIGLIA, Ricardo. Tesis sobre el cuento. *In*: PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2001. p. 103-111.

PINTO, Antonio Maria. A invasão da fronteira de Jaguarão em 27 de janeiro de 1865. **Cadernos Jaguarenses**, Jaguarão, n. 7, p. 9-15, 2015

RIBERO, Orlando. **La defensa de Paysandú**. Montevidéo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1987.

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. Entre o histórico e o literário: um espaço de confluências. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 26, p. 201-217, jan./jun. 2016.

SANTOS, o tropeiro. **Gente guapa**. [Jaguarão]: s/ed, 1965.

SCLHEE, Aldyr Garcia. Don Sejanos. *In*: SCHLEE, Aldyr Garcia. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 27-32.

SOARES, Eduardo Álvares de Souza. **1865**. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

VARGAS LLOSA, Mario. **Los cuadernos de don Rigoberto**. Montevidéo: Punto de Lectura, 2011.